

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA E GEOCIÊNCIAS**

**PERCEPÇÃO E TERRITORIALIDADE NO PARQUE ITAIMBÉ DE SANTA
MARIA/RS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Claudete Robalos da Cruz

Santa Maria, RS, Brasil

2009

**PERCEPÇÃO E TERRITORIALIDADE NO PARQUE ITAIMBÉ DE
SANTA MARIA/RS**

por

Claudete Robalos da Cruz

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, Área de Concentração Sociedade e Meio Ambiente, da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Sayão Penna e Souza

Santa Maria, RS, Brasil

2009

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Naturais e Exatas
Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências
Mestrado em Geografia**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**PERCEPÇÃO E TERRITORIALIDADE NO PARQUE ITAIMBÉ DE SANTA
MARIA/RS**

elaborada por
Claudete Robalos da Cruz

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Geografia

COMISSÃO EXAMINADORA:

Bernardo Sayão Penna e Souza, Dr (UFSM)

Carmem Rejane Flores Wizniewsky , Dr (UFSM)

Salete kozel Teixeira, Dr (UFPR)

Santa Maria, Outubro de 2009.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Cósmico por mais este momento de realização em minha vida e todas as condições que me concedeu para que essa conquista fosse alcançada.

Sou grata, especialmente aos meus pais, Ademir Espindola da Cruz e Cleuza Antônia Robalos da Cruz pela confiança e pelo seu amor incondicional.

Ao Prof Dr. Bernardo Sayão Penna e Souza, que me concedeu oportunidade de estar dentre seus orientados.

Ao meu colega Victor Lutz pelo coleguismo e amizade.

A cada um dos meus colegas, com os quais compartilhei horas de debates, diálogos e que propiciaram grande crescimento intelectual.

Aos frequentadores do parque Itaimbé, que aceitaram participar desta pesquisa através das entrevistas concedidas.

A Prof. Dr^a. Carmem Flores Wizniewsky e a Prof. Dr^a Salete kozel Teixeira, membros da Banca Examinadora, que contribuíram para avaliar e colaborar com este trabalho.

Agradeço a todas as pessoas que passaram no meu caminho durante esta jornada e deram-me força e apoio.

A curiosidade é um vício que foi estigmatizado seguidamente pelo cristianismo, pela filosofia e até mesmo por uma certa concepção de ciência. Curiosidade, futilidade. No entanto, eu gosto da palavra curiosidade; ela me sugere alguma coisa totalmente diferente: evoca o cuidado, evoca a solicitude que se tem com aquilo que existe e poderia existir, um sentido aguçado do real, mas que nunca se imobiliza nele, uma disposição para encontrar o que há de estranho e singular na nossa volta, uma certa obstinação em nos desfazer de nossas familiaridades e mirar de outra maneira as mesmas coisas, um certo ardor para captar o que sucede e o que passa, uma desenvoltura diante das hierarquias tradicionais, entre o importante e o essencial. (Foucault)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências
Universidade Federal de Santa Maria

PERCEPÇÃO E TERRITORIALIDADE NO PARQUE ITAIMBÉ DE SANTA MARIA/RS

AUTORA: CLAUDETE ROBALOS DA CRUZ

ORIENTADOR: BERNARDO SAYÃO PENNA E SOUZA

Data e Local de Defesa: Santa Maria, Outubro de 2009

A presente pesquisa teve o objetivo de entender o processo de formação de territorialidades a partir da percepção cognitiva e biológica (Maturana, 1995) dos frequentadores do parque Itaimbé de Santa Maria/RS. A percepção é conceituada como uma configuração do objeto pela conduta. A conduta, por sua vez, se apresenta como uma ação discursiva que se constrói e re-constrói no espaço geográfico, transformando-o constantemente, configurando territorialidades. A Geografia Humanista e o método fenomenológico serviram como aporte filosófico da pesquisa, em razão do seu empenho pela compreensão dos fenômenos não somente através da observação, mas sim do espaço vivido, da experiência imediata. A análise do discurso foi escolhida como metodologia de investigação, cuja finalidade foi registrar a maneira como a linguagem expressa a percepção e como a conduta se manifesta na percepção. Para tanto, adotou-se como instrumento para coleta e análise das percepções, três eixos temáticos com questões norteadoras. Desse modo, por meio das percepções dos frequentadores do parque Itaimbé de Santa Maria/RS, foi possível identificar a funcionalidade, as territorialidades e compreender o significado e as relações estabelecidas entre o frequentador e o parque. No que diz respeito à funcionalidade do parque Itaimbé aos entrevistados, verificou-se duas funções específicas, uma apontada pelos indivíduos que utilizam esse espaço em virtude da atividade recreativa e a outra por aqueles que realizam seu trabalho diário nesse local, evidenciando assim dois grandes grupos de frequentadores. Com efeito, observou-se que esses grupos não constituem grupos hegemônicos em relação à identidade, mas heterogêneos e dinâmicos contribuindo na constituição de territorialidades no parque Itaimbé de Santa Maria/RS. Assim, as territorialidades foram diagnosticadas a partir da identificação dos motivos pelos quais o frequentador utiliza o espaço geográfico estudado, e foram mapeadas em 6 subgrupos. Nesses termos, a definição de percepção como configuração do objeto pela conduta, permitiu entender que a percepção não é uma representação de um mundo pré-determinado, nem o território é entendido como estável, como sendo resultado da demarcação territorial ou política, mas como uma função da conduta. Desse modo, a territorialidade não se apresenta imutável, mas sim transitória e flexível tal como a conduta do sujeito pós-moderno.

Palavras-chave: Análise de Discurso, percepção, conduta, territorialidade.

ABSTRACT

Master's Dissertation

PERCEPTION IN THE PARK AND TERRITORIAL ITAIMBÉ-SANTA MARIA / RS

AUTHOR: CLAUDETE ROBALOS DA CRUZ

COACH: BERNARDO SAYÃO PENNA E SOUZA

Date and Location of Defense: Santa Maria, October 2009

This study aimed to understand the process of formation of territoriality from the biological and cognitive perception (Maturana, 1995) who frequented the park Itaimbé Santa Maria / RS. Perception is defined as a configuration object for the conduct. The conduct, in turn, presents itself as a discursive action that builds and re-build in the geographic space, turning it constantly, setting territoriality. Humanistic Geography and the phenomenological method served as philosophical contribution of the research, because of its commitment to understanding the phenomena not only through observation, but the lived space of immediate experience. Discourse analysis was chosen as the research methodology, whose purpose was to record how the language expresses the perception and behavior as manifested in perception. To this end, we adopted as a tool for collection and analysis of the perceptions, three themes with guiding questions. Thus, through the perceptions of park goers Itaimbé Santa Maria / RS, it was possible to identify the functionality, territoriality and understand the meaning and the relations established between the park goer. As regards the features of the park Itaimbé respondents, there are two specific functions, one appointed by the individuals who use this space as a result of recreational activity and the other by those who do their daily work there, thus revealing two large groups of goers. Indeed, it was observed that these groups are not hegemonic groups in relation to identity, but heterogeneous and dynamic contributing to the establishment of territoriality in the park Itaimbé Santa Maria / RS. Thus, the territoriality were diagnosed by identifying the reasons why the frequently uses the geographical area studied, and mapped into 6 subgroups. Accordingly, the definition of perception as object configuration for the conduct, enabled to understand that perception is not a representation of a world pre-determined, or the territory is perceived as stable as a result of a territorial or political, but as a function of conduct. Thus, territoriality has not immutable, but transient and flexible as the conduct of the postmodern subject.

Key words: Discourse Analysis, perception, behavior, territoriality.

LISTA DE SIGLAS

ACD- Análise Crítica do Discurso

AA- Subgrupo A do Grupo A, formado pelas pessoas que frequentam o parque para realizar caminhadas, passeios com seus filhos e/ou cães, para encontrar amigos.

AB- Subgrupo B do Grupo A, composto pelos praticantes de *Le parkour*.

AC- Subgrupo C do Grupo A, formado pelos praticantes de esportes tradicionais, como vôlei, futebol, ciclismo.

BA- Subgrupo A do Grupo B, composto pelas pessoas responsáveis pela vigilância e pela equipe de varrição do parque.

BB- Subgrupo B do Grupo B, formado pelos comerciantes de produtos coloniais.

BC- Subgrupo C do Grupo B, composto pelos grupos de Terceira Idade e Movimento Tradicionalista Gaúcho.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- Questões norteadoras das entrevistas.....	58
QUADRO 2- Locais e Horários frequentados no Parque Itaimbé pelo grupo A.....	62
QUADRO 3- Locais e Horários frequentados no Parque Itaimbé pelo grupo B.....	65
QUADRO 4- O significado do parque para o frequentador do grupo A.....	68
QUADRO 5- O significado do parque para o frequentador do grupo B.....	69
QUADRO 6- Os sentimentos que o ambiente do parque desperta aos entrevistados do grupo A.....	79
QUADRO 7- Os sentimentos que o ambiente do parque desperta aos entrevistados do grupo B.....	79
QUADRO 8- Percepção dos entrevistados do grupo A.....	80
QUADRO 9- Percepção dos entrevistados do grupo B.....	81
QUADRO 10- Problemas ambientais e relacionados à infra-estrutura do parque assinalados pelo grupo A.....	86
QUADRO 11- Problemas ambientais e relacionados à infra-estrutura do parque assinalados pelo grupo B.....	87

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- Perfil dos entrevistados do Grupo A.....	63
TABELA 2- Perfil dos entrevistados do Grupo B.....	66

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- Mapa de localização do parque Itaimbé de Santa Maria/RS.....	52
FIGURA 2- Roteiro da pesquisa.....	59
FIGURA 3-Mapa de distribuição dos frequentadores no parque Itaimbé do Grupo A....	64
FIGURA 4-Mapa de distribuição dos frequentadores no parque Itaimbé do Grupo B....	67
FIGURA 5- Imagem do parque Itaimbé entre a rua Pinheiro Machado e Tuiuti.....	70
FIGURA 6- Imagem de jardinagem no Parque realizada pelos moradores.....	70
FIGURA 7- Imagem entre a rua Pinheiro Machado e Tuiuti.....	73
FIGURA 8- Quiosque entre a rua Pinheiro Machado e Avenida Dores.....	73
FIGURA 9- Quadras de esportes entre a rua Venâncio Aires e Silva Jardim.....	73
FIGURA 10-Pracinha entre a rua Pinheiro Machado e Avenida Dores.....	74
FIGURA 11- Pracinha entre a rua Tuiuti e Venâncio Aires.....	74
FIGURA 12- Pracinha entre a rua Silva Jardim e Hernesto Becker.....	74
FIGURA 13- Imagem do urbano e o natural.....	77
FIGURA 14- Imagem do Movimento Tradicionalista Gaúcho.....	84
FIGURA 15- Imagem da identidade gaúcha.....	84
FIGURA 16- Imagem da prática de <i>le parkour</i>	85
FIGURA 17- Imagem da estrutura que viabiliza a prática do <i>le parkour</i>	85
FIGURA 18- Imagem de área de recreação em condições precárias.....	88
FIGURA 19- Imagem de alagamento do Calçamento no parque.....	89
FIGURA 20- Pichações na Concha Acústica.....	89
FIGURA 21- Imagem de sinais de vandalismo no parque.....	89
FIGURA 22- Imagem do parque entre a rua Silva Jardim e Hernesto Becker.....	90
FIGURA 23- Prédio do SESC- entre a rua Silva Jardim e Hernesto Becker.....	91
FIGURA 24- Imagem das quadras esportivas entre a rua Venâncio Aires e Silva Jardim.....	91
FIGURA 25- Imagem instalação da Equipe de Varrição.....	92
FIGURA 26- Imagem instalação da Equipe de Varrição.....	92
FIGURA 27- Imagem instalação do Grupo da Terceira Idade.....	93

LISTA DE APÊNDICE

APÊNDICE A- Formulário de informações.....	104
APÊNDICE B- Eixos Temáticos orientadores da entrevista.....	105
APÊNDICE C- Termo de Consentimento Livre Esclarecido.....	106

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A- Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho.....	108
ANEXO B- Princípios dos praticantes de <i>le parkour</i>	112

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS.....	10
LISTA DE QUADROS.....	11
LISTA DE TABELAS.....	12
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	13
LISTA DE APÊNDICES.....	14
LISTA DE ANEXOS.....	15
1 INTRODUÇÃO.....	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
2.1Um breve olhar sobre o modo de fazer ciência no contexto do Paradigma Moderno e Emergente.....	19
2.2A Geografia Humanística e Fenomenologia: Uma necessidade epistemológica para compreender o ser no mundo.....	24
2.3A Percepção como configuração do objeto pela conduta.....	29
2.4 O lugar: Uma escolha baseada na Intencionalidade.....	38
2.5 Identidade e Territorialidade.....	42
3 METODOLOGIA.....	50
3.1Caracterização da Área de Estudo.....	50
3.2 Fundamentação Metodológica: Análise Crítica do Discurso.....	52
3.3Procedimentos para Coleta e Análise dos Dados.....	57
4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO RESULTADOS.....	61
4.1 Os Motivos, horários e a distribuição dos frequentadores no Parque Itaimbé.....	61
4.2 Relação entre os frequentadores e o ambiente do parque.....	68
4.3 Percepção e territorialidade no Parque Itaimbé.....	78
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS CONSULTADAS.....	98
APÊNDICES.....	103
APÊNDICE A- Formulário de Informações.....	104

APÊNDICE B- Eixos temáticos orientadores das entrevistas.....	105
APÊNDICE C- Termo de Consentimento Livre Esclarecido.....	106
ANEXOS.....	107
ANEXO A- Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho.....	108
ANEXO B- Princípios dos praticantes de <i>Parkour</i>.....	112

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve o objetivo de entender o processo de formação de territorialidade a partir da percepção, o que implicou compreender a relação entre ambiente e indivíduo, por intermédio da análise do discurso.

Desse modo, ao assumir, neste trabalho, como objeto de pesquisa, a percepção e a territorialidade, os textos relacionados à temática do livro “Ontologia da Realidade”, organizado por Maturana (1997), e o livro “A árvore do Conhecimento”, organizado por Maturana e Varela (1995), contribuíram para construção de uma perspectiva epistemológica e ontológica distinta em relação à percepção. O presente trabalho adota a proposição acerca da percepção cognitiva e biológica, proposta por Maturana e Varela (1995), entendendo a atividade perceptiva como configuração do objeto pela conduta, e não como mera representação de processos mentais computados pela mente.

Assim sendo, é no contexto da associação entre conduta e meio que é usada a palavra percepção. O organismo/indivíduo é conceituado como um sistema determinado estruturalmente, cuja sua estrutura é construída na interação organismo com o meio. Ou seja, é o próprio organismo que determina qual é a configuração estrutural do meio que suscita nele uma mudança estrutural, definindo assim a percepção como a configuração do objeto pela conduta do indivíduo (Maturana, 1997).

Os livros “Territórios Alternativos” (2002) e “O Mito da desterritorialização” (2007) de Haesbaert, permitiram identificar as maneiras possíveis de se investigar e interpretar o território. Na presente pesquisa foi levada em conta a terceira corrente identificada pelo autor, o território culturalista, a qual considera os aspectos subjetivos para explicar o processo de apropriação do espaço.

Nesse sentido, em conjunto, tais referências ofereceram a possibilidade de explicar o processo de formação de territorialidades como função da conduta, através da percepção cognitiva e biológica dos frequentadores do Parque Itaimbé, em Santa Maria/RS, assim como compreender a relação estabelecida entre frequentador e o ambiente do parque. A Geografia Humanista e o método fenomenológico, serviram

como aporte filosófico da pesquisa, em razão do seu empenho pela compreensão dos fenômenos não somente através da observação, mas sim do espaço vivido, da experiência imediata.

A análise do discurso foi escolhida como metodologia de investigação, e foi utilizada a fim de coletar tais percepções, haja vista que, a análise do discurso permite registrar a maneira como a linguagem está materializada na percepção e como a conduta se manifesta na percepção. Para tanto, foi organizado eixos temáticos com questões norteadoras que serviram como instrumento para a coleta das percepções – elementos subjetivos do universo pesquisado. O discurso é entendido como um processo de construção social no sentido de que “a construção social do significado é situada em circunstâncias sócio-históricas particulares e é mediada por práticas discursivas específicas, nas quais os participantes estão posicionados em relações de poder”, como diz Signorini (1998, p.305).

Portanto, no ensejo de verificar a possibilidade de identificar e explicar a territorialidade a partir da percepção dos indivíduos é que os objetivos para este trabalho foram estabelecidos. De modo que, entender o processo de formação de territorialidades presentes no parque Itaimbé de Santa Maria por intermédio da percepção dos seus frequentadores foi o objetivo geral do presente trabalho. Para que o objetivo geral fosse alcançado, os objetivos específicos apresentaram as seguintes preocupações: classificar os principais grupos frequentadores no parque Itaimbé por meio da observação *in loco* e da análise de discurso; relacionar a percepção dos grupos frequentadores com sua conduta; e espacializar as territorialidades presentes nesse local.

O resultado do presente trabalho foi estruturado em seis itens. No primeiro a presente introdução, no segundo, está descrita a fundamentação teórica do trabalho, onde se examina mais detalhadamente através dos pressupostos teóricos como se pode entender a territorialidade a partir da percepção. No terceiro, tem-se uma breve caracterização da área de estudo, a fundamentação metodológica e o procedimento metodológico utilizado para verificar as percepções dos frequentadores. No quarto item está a análise e a interpretação dos resultados obtidos. No quinto, as conclusões sobre o tema pesquisado e as recomendações concernentes à aplicação deste estudo a fim

de melhorar a função social a que o parque se destina. Por fim, no sexto item é apresentada a bibliografia consultada para a construção deste trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Um breve olhar sobre o modo de fazer ciência no contexto do Paradigma Moderno e Emergente

Conhecer a ciência tem demonstrado ser uma enorme aventura intelectual. Conhecer sua história constitui, muitas vezes, um gostoso garimpar nos rascunhos do passado, vendo o quanto cada civilização se desenvolveu até um determinado estágio para poder enfrentar os desafios da natureza. Hoje, da mesma maneira que para os nossos ancestrais, a ciência está sempre presente. A tecnologia envolvida na construção de uma faca de pedra polida foi tão desafiadora quanto à inteligência posta a serviço do desenvolvimento de um supercomputador no final do século XX. (CHASSOT, 2004, p.9)

Em concordância com Chassot (2004), é correto afirmar que o processo de evolução do pensamento e da observação científica está situado no tempo da própria evolução da humanidade. Com efeito, desde que os seres humanos perceberam sua capacidade de criação, assim como de destruição, com a utilização da bomba atômica, têm se questionando a respeito do progresso tecnológico e científico, e suas consequências à vida humana. De acordo com HANNA ARENDT (in TOMAZETTI, 1998, p.49)

o processo de fabricação cada vez mais crescente e isento de qualquer valoração ética traçou a derrota do homo faber, isto é, a incapacidade de tornar o mundo mais feliz através da fabricação de utensílios e instrumentos. Este homem emergido da modernidade tornou-se um fazedor de instrumentos para fazer instrumentos, num círculo infundável em que o mais importante passa a ser o como fabricar e não o que fabricar.

Notavelmente, a capacidade do homo faber de criar e produzir modificou tanto a natureza como as relações humanas, e embora a evolução da técnica tenha atingido grande progresso, as relações humanas pouco evoluíram.

A ciência ocidental se fundamentou na causalidade, coerência e determinismo, acreditando-se assim que qualquer lei da natureza, uma vez estabelecida, permanece válida através do tempo e do espaço. A modernidade emergiu fazendo oposição ao dogmatismo religioso, demarcando limites entre o atraso e o progresso, entre emoção e razão, sendo que esta última se apresenta como guia de emancipação humana.

Descartes em “O Discurso do Método”, segundo Novo (2006), propunha as metanarrativas, as idéias e princípios gerais, universais. Afirmava que o conhecimento visa adequar o meio ao homem, ao contrário, dos gregos que apenas viam a ciência como um processo para explicar os fenômenos. Descartes ao, se apoiar nas idéias de Platão, para afirmar o racionalismo da sua célebre frase “Penso, logo existo”, adota a razão como forma de pensamento seguro para conduzir a filosofia e a ciência. A matemática passa ser adotada como a “ciência” que fornecerá a leitura precisa do mundo. Em decorrência da adoção desse pensamento se afirma uma racionalidade que vai se expressar na separação homem-natureza, espírito-matéria, sujeito-objeto, que vai marcar o período moderno.

La división cartesiana entre la ‘res cogitans’ (el pensamiento) y la ‘res extensa’ (el mundo físico) será así el principio de una visión dual del mundo que, impregnando todos los territorios del saber, llega hasta nuestros días. En esse marco, hay que señalar la importancia de la separación mente-cuerpo en el devenir de la Modernidad, pues alcanza a nuestras formas cotidianas de vida más de lo que a simple vista pudiéramos pensar. (NOVO apud CRUZ, 2009, p.3)

Por sua vez, Bacon, de acordo com Novo (2006), conduzirá o pensamento moderno enfatizando a experiência como meio seguro para se chegar ao conhecimento dos fenômenos.

En su modelo, las verdades generales dependerían siempre de la observación de muchos casos particulares. A la deducción propia del antiguo modelo de pensamiento él opone la inducción, la aplicación del criterio empírico, basado en la observación sistemática y la experimentación. El llamado método científico se constituye así fundamentándose en el supuesto de una separación absoluta entre el observador que experimenta y el objeto de experimentación. (NOVO. 2006, p.9)

Nesse sentido, os princípios da simplificação, objetividade e determinação, que orientaram e continuam a orientar o saber, têm sido muito úteis para a produção, poder e controle da sociedade e natureza. A partir do método empírico, Bacon assegurava que “saber é poder”, e que por intermédio do conhecimento poder-se-ia dominar a natureza e a sociedade. Entretanto, Novo (2006, p.10) considera que “en la medida en que el poder se iba volviendo autónomo, con el tiempo se haría necesario ponerle freno, es decis, dominar el dominio.”

Runjanek (2008, p.25) observa que “é possível asseverar que hoje tememos mais nossa própria espécie do que as manifestações naturais que no passado aterrorizavam os nossos ancestrais, como terremotos, vulcões, ataques de feras e outros.” Essa constatação se afirma, de acordo com o autor, em razão da “noção de inconsistência entre o comportamento humano e seu ajuste na Biosfera [que] gera seguramente uma crise crônica no consciente coletivo.”

Em decorrência dessa crise de consciência em relação ao comportamento humano diante da natureza, e a excessiva crença na ciência e na tecnologia, na resolução dos problemas sociais e ambientais, tem se estabelecido um retorno ao ser sobrenatural, na tentativa de separar o sensato do insensato, que na antiguidade, amparou e limitou ações humanas. Segundo Runjanek (2008, p.25) “o intelecto humano teria criado um mecanismo essencialmente cultural para preservar sua insanidade, fazendo conviver em compartimentos separados o sensato e o insensato.” O nosso intelecto tem se utilizado, tanto da ciência como da religião, para conviver e separar o que é sensato do que é insensato, o que contribuirá para vida do que poderá causar a morte, a fim de preservar sua história estrutural.

Com efeito, Runjanek (2008, p.25) salienta que, “adotando o *meme*¹ religioso, os humanos estariam depositando o problema no colo do “árbitro supremo” e simultaneamente eximindo-se de qualquer culpa.” Essa tendência de atribuir aos céus a culpa pelos atos diários, pode ser identificado na expressão descrita por Einstein (1879-1955) apud Runjanek (2008, p.25) de que “a palavra Deus nada mais é do que a expressão e o produto da fraqueza humana”. Embora Runjanek tenha interpretado essa afirmativa a fim de questionar a polêmica entre ciência e religião, essa afirmativa pode ser entendida, como uma constatação consciente da atribuição que, os humanos, costumam fazer ao divino ou à tecnologia a fim de eximir a responsabilidade de seus atos.

Santos (apud Novo, 2006, p. 41) identificou cinco monoculturas principais que dominam o mundo atual: “la monocultura del saber científico; la monocultura del tiempo lienal; la monocultura de las jerarquías; la monocultura de lo universal o global; la

¹ “*Meme* é definida por Richard Dawkins, como uma unidade de informação que pode tomar a forma de comportamento ou idéias propagados com eficiência, por meios verbais ou outros, de um indivíduo a outro” (Franklin Runjanek, 2008).

monocultura de la eficiencia capitalista; la ecología de las productividades.” Como conseqüência, a natureza passou a ser considerada muito mais como fonte de renda do que como de subsistência; assim como os recursos naturais foram mercantilizadas, assim também ocorreu no âmbito das relações humanas. Nas palavras de MORIN (2002, p.25) assistimos no século XX

a aliança entre duas barbáries: a primeira vem das profundezas dos tempos e traz a guerra, massacre, deportação e fanatismo. A segunda gélida, anônima vem do âmago da racionalização, que só conhece o cálculo e ignora o indivíduo, seu corpo, seus sentimentos, sua alma e multiplica o poderio da morte e da servidão técnico industriais.

Para Morin (2002), a modernidade lançou a pseudorracionalidade, que atrofiou a compreensão, a reflexão e a visão de mundo, produzindo incompreensões dos problemas, pois presenciamos ainda exploração humana, miséria, fome, desemprego, violência, e demais problemas que a tecnologia por si só não consegue resolver. Os atos de barbáries que presenciamos nos dias de hoje, não deixam de ser semelhantes a dos tempos antigos, apenas os métodos de barbárie foram substituídos.

Segundo Guattari (apud Souza, 2003, p.20) nossos valores são ditados pela moda, pela necessidade de acumular bens a qualquer custo, transformando a conduta dos indivíduos em comportamentos massificados, que são produzidos pela mídia, que contribui para construção de subjetividades coletivas, que resultou num desenvolvimento econômico que se mostra insustentável. Essa atitude egocêntrica tem feito com que, de acordo com Giddens (apud Siqueira 2003, p.10) “o homem em vez de se preocupar, acima de tudo, com o que a natureza poderia fazer-lhe, tem agora que se preocupar também com o que fez à natureza”.

Através da supremacia da razão, segundo Vasconcellos (2002), buscou-se adquirir progresso, desenvolvimento e emancipação, mas o que ocorreu foi uma coisificação do mundo, visto que, se por um lado, as tecnologias produzidas pelo conhecimento científico ampliaram a eficácia do homem sobre os diversos ambientes, modificou assim, as relações do homem com a natureza, deparando-nos hoje com risco de uma catástrofe ecológica. Por outro lado, essa mesma sociedade tecnologizada desenvolvida pela ciência está trazendo novidades num ritmo acelerado. Nossa organização social e nossas relações, tornaram-se mais intensas, exigindo mudanças

profundas na nossa forma viver. O mundo passa a se apresentar complexo e acusa-se a ciência de não dar conta de responder as novas necessidades nele instaladas.

Em decorrência desse quadro emerge a necessidade de articulação e renovação dos conceitos, influenciada pela física de Max Planck e pela Teoria da Relatividade de Einstein. Hoje a Física Quântica já nos mostra que o ato de observar, e os elementos “subjetivos” de quem observa afetam o objeto que está sendo observado, e o universo é entendido por muitos cientistas não mais como uma grande máquina, mas sim como uma grande teia onde tudo está interligado e conectado (Maturana, 1995).

Com a descoberta da Inteligência Emocional emergiu uma nova perspectiva a respeito da compreensão do ser humano, onde sentimentos, emoção e intuição passam a ser considerados pelo pesquisador nas suas observações científicas. Assim, emergem conceitos que passaram a considerar o humano como parte integrante do processo de construção da sociedade assim como do conhecimento, entendendo que a evolução científica deve admitir um conhecimento científico que comporte o autoconhecimento. Para isso é necessário, de acordo com MORIN (2002, p.76)

pontos de vistas meta-científicos sobre a ciência e de pontos de vistas epistemológicos que revelem os postulados metafísicos escondidos no interior da atividade científica. Necessita-se também questionar a sua história, o seu desenvolvimento, o seu futuro. Precisa-se enfim, refletir sobre os problemas éticos levantados pelo desenvolvimento científico descontrolado.

Com efeito, assistimos a emergência de metodologias alternativas que visam compreender a essência dos fenômenos, a fim da obtenção de um entendimento que vai desde uma análise técnica aos aspectos subjetivos dos fenômenos, visando estabelecer padrões éticos e humanos no desenvolvimento científico e social.

2.2 A Geografia Humanista e a Fenomenologia: Uma necessidade epistemológica para compreender o ser no mundo

Os estudos geográficos tradicionais, buscavam prioritariamente descrever a individualidade dos lugares, a preocupação maior era realizar o registro cartográfico do arranjo espacial das áreas. Sob a influência dos princípios epistemológicos do paradigma moderno e na filosofia positivista, tais estudos adotaram os princípios de descrição e generalização como verdade universal, e uma vez realizada a descrição de algum fenômeno matematicamente, o conhecimento funcional do mesmo era tido como exato independente do tempo e do espaço.

Conforme OKAMOTO (2002, p.8),

na cultura ocidental, é costume ter a visão do meio ambiente direcionada por grande objetividade racional. Tudo é racionalizado, explicado, justificado, catalogado. Esses aspectos da realidade exterior, em que se destacam as coisas e as pessoas como objeto de estudo e atendimento de necessidades materiais, têm colocado em segundo plano aspirações, como sentimento, emoção e afetividade em relação ao meio ambiente, havendo tênue ligação com o topos (sentido de lugar).

Em razão dessa herança científica, a ciência geográfica tradicional se ateu às noções determinista e mecanicista, desconsiderando, nas suas observações científicas, diversos temas humanos, tais como a percepção e a subjetividade humana no processo de compreensão e apropriação do espaço geográfico.

Morin (1982) reconhece a necessidade de inserir, os aspectos subjetivos, como formas válidas para a interpretação dos fenômenos. De acordo com MORIN (1982, p.51)

um conhecimento unidimensional, que se cega às outras dimensões da realidade, pode causar a cegueira. Por outras palavras: uma visão da sociedade que visse na sociedade apenas os fenômenos econômicos, por exemplo, seria uma visão unidimensional que esqueceria os outros problemas sociais, os problemas de classe, os problemas de Estado, os problemas psicológicos e os problemas de indivíduos.

Com efeito, com o privilégio dado à inteligência lógico-matemática, tem se constituído uma visão de mundo “industrialista predatória, antropocêntrica e desenvolvimentista, não dando conta de explicar o momento presente e de responder

às necessidades futuras”, afirma Gadotti (apud Souza, 2003, p.18). No entanto, as evidências sócio-ambientais atuais, têm levado a um processo sério de questionamento acerca do papel da ciência na sociedade contemporânea e do conhecimento científico.

Searle (2000, p.69) salienta que, “o problema não é nosso acesso aos fatos. O problema é o conjunto de categorias que herdamos para descrever os fatos.” Se a ciência clássica descuidou-se de incluir a subjetividade humana no processo de análise dos fenômenos, essa mesma ciência com nova mentalidade busca uma interpretação para os fatos sob outro enfoque. Isso implica incluir as atitudes e crenças mesmo que diante de uma análise e compreensão da realidade estudada.

Tuan (1983, p.2), salienta que “elas (atitudes/crenças) não podem ser excluídas da abordagem teórica porque o homem é, de fato, o dominante ecológico e o seu comportamento deve ser compreendido em profundidade, e não simplesmente mapeado.”

Precisamente da necessidade da investigação e interpretação de como os indivíduos percebem o seu espaço, e da relevância de se compreender a relação homem e ambiente, constituíram-se as condições para emergência da Geografia Humanística, baseada na Fenomenologia, considerando o elemento subjetivo como fonte válida de conhecimento.

Conforme KOZEL (2007, p.118)

a geografia cultural-humanista que se estrutura a partir de 1960 teve como referencial as pesquisas desenvolvidas desde 1940 quando as representações geográficas já apresentavam diversidade de orientação, como o subsídio teórico existencialista trazido por Dardel e o conceito de geograficidade e o aporte Husserliano que perpassa o conceito de mundo vivido.

John k. Wright em 1940 na publicação “*Terrae Incognitae: o lugar da imaginação*” postulou que todos os indivíduos são de certo modo geógrafos, e denomina geosofia, à necessidade humana de transformar lugares desconhecidos em conhecidos por meio de imagens mentais. De modo que, é possível observar nas obras de Wright os princípios precursores da Geografia Humanista (Kozel, 2007).

Em 1960 David Lowenthal a partir dos estudos de Wright, e estudos de outras disciplinas como a Psicologia Comportamental, retoma os postulados humanistas na Geografia.

Na década de 1970, as contribuições para a constituição da Geografia Humanista ocorreram de forma isoladas, como a denominação de mapas mentais de Peter Gould e White (1974), ao considerar a representação mental das pessoas sobre o espaço. Yi-Fu Tuan (1983) apresenta novos conceitos tais como a topofilia e topofobia, e a concepção do mundo vivido de Anne Buttimer (1982). De acordo com Kozel (2007, p.119) “o conceito de mundo vivido surge com a aproximação da Geografia com a Fenomenologia apontando para um novo campo epistemológico”.

Nascida na segunda metade do século XIX, a Fenomenologia compreende e interpreta o objeto estudado a partir das motivações subjacentes na ação observada, entendendo como “um contexto de significados que aparece como a razão para a conduta humana, antes de tudo para o próprio ator” (Schutz, 1979, p.10). As variáveis subjetivas do mundo-vivido são consideradas como fonte válida de conhecimento na perspectiva fenomenológica.

Atribui-se Edmund Husserl, a criação da perspectiva fenomenológica contemporânea. Segundo Husserl (apud Almeida, 2007, p.28) “a Fenomenologia é um estudo puramente descritivo dos fatos vivenciais do pensamento e do conhecimento oriundo dessa observação.” A Fenomenologia descreve a realidade oferecida pelas experiências humanas subjetivas.

Para Husserl (apud Schutz, 1979, p.9), “o fenomenologista deve examinar não só a “experiência de si próprio do eu”, mas também “a experiência, que dela deriva, de outros eus e da sociedade”, envolvendo a inter-subjetividade como a subjetividade.”

Relph (1979) foi um dos pioneiros a utilizar a perspectiva fenomenológica na Geografia, afirma que

a Fenomenologia tem a ver com princípios, com as origens do significado e da experiência, sendo concernente a fenômenos como ansiedade, comportamento, religião, lugar e topofilia, que não podem ser compreendidos somente através da observação e medição, mas sim do vivido. (RELPH apud RICHTER, 2008, p.57)

É no cotidiano, na criação da afetividade e da familiaridade que os meros espaços se tornam representativos, isto é, se tornam um lugar com significado para os indivíduos. Desse modo, ao descrever as motivações subjacentes que configuram os espaços em lugar está se realizando um estudo fenomenológico.

Desse modo, o geógrafo, de acordo com Christofolletti (apud Almeida, 2007, p.29) pode “entender como nasce a magia dos lugares, as particularidades intrínsecas de cada porção territorial, a distinção de diferentes pontos da cidade, o encantamento, o esnobismo, o desprezo, a atração, o consumo, a deterioração e o que é típico dos lugares”.

Na Geografia, a Fenomenologia contribuiu nos estudos dos atos subjetivos sobre o mundo vivido, evitando aquele exame de um mundo exterior que independe do pesquisador. Desse modo, os estudos sobre vizinhança, pavor (topofobia), agradabilidade (topofilia), fixação aos espaços e lugares, enfim, as experiências cotidianas vão adquirir um destaque na produção geográfica sobre o espaço vivido. (Evangelista, 1997).

DEL RIO (apud RICHTER, 2008, p.24) salienta que

o estudo dos processos mentais relativos à percepção ambiental é fundamental para compreendermos melhor as inter-relações entre o homem e o meio ambiente, suas expectativas, julgamentos e condutas. Nossas ações sobre o meio ambiente podem gerar conseqüências que afetarão a qualidade de vida de várias gerações, isto porque nossas respostas emocionais dependem não apenas do humor ou predisposição do momento, mas da própria satisfação psicológica com o ambiente.

Entender e analisar as percepções humanas, dentre outros fins, serve para planejamento, organização e transformação social, facilitando assim as ações sociais num determinado espaço geográfico, considerando o bem-estar dos indivíduos, e zelando por uma relação menos degradante entre homem e natureza.

Okamoto (2002, p.9) afirma que, “o homem é constituído de dois universos: um exterior, em constante processo de adaptação ao meio, e outro interior, cujo *leitmotiv* se exterioriza em ações como resposta à interpretação da realidade”. Nesse sentido, as motivações interiores ou subjetivas servem como objeto de estudo das ciências sociais, para que se possa explicar o resultado das ações dos homens, embora tenha sido relegada pela ciência tradicional.

Já os estudos referentes à percepção em Geografia emergiram desde a década de 1970 com diferentes abordagens e tendências epistemológicas específicas. Oliveira (in Vitte, 2004) aponta quatro Teorias Psicológicas que tratam da Percepção: corrente empirista, teoria da Gestalt, teoria de Skinner, e teoria de Piaget.

Sendo que, a corrente empirista trata o fenômeno percepção como captação dos sentidos aos objetos externos; a teoria da Gestalt entende a percepção como representação dos objetos a partir da organização sensorial; a teoria de Skinner se baseia no estímulo/resposta (nessa perspectiva a percepção se refere ao controle do estímulo do comportamento, dando ênfase ao reforço da relação sujeito/objeto); e, na teoria de Piaget, a percepção é encarada como parte integrante da vida cognitiva do sujeito, sendo uma atividade, um processo representativo das atividades sensório-motoras e dos processos cognitivos (Oliveira, in Vitte, 2004)

Oliveira (in Vitte 2004) considera a percepção como o conhecimento que adquirimos através do contato atual, direto e imediato com os objetos e com os seus movimentos, dentro do campo sensorial. Varia de indivíduo para indivíduo, é individual, incomunicável, é o aqui e o agora.

Para Whyte (apud Bertin, 2001, 37) “a percepção ambiental inclui a percepção sensorial mais a cognição. É o entendimento e o conhecimento que os seres humanos têm do meio em que vivem, com a influência dos fatores sociais e culturais.” Dessa forma, a relação entre o indivíduo e o meio ocorre através do processo perceptivo, captado pelos nossos sentidos, e pelo processo de cognição do indivíduo sobre o meio. Além dos sentidos e da cognição, os fatores culturais, sócio-econômico, religiosos, históricos, educativos e subjetivos influenciam na percepção do indivíduo.

TUAN (1980, p 47) considera que,

como espécie, os seres humanos são extremamente polimórficos. Entre os indivíduos, as variações físicas externas são notáveis, mas são menores quando comparadas com as diferenças internas. Longe de sermos ‘irmãos sob a pele’ somos- em certas medidas orgânicas- quase espécies diferentes. podemos então dizer que os contrastes significantes ocorrem entre os indivíduos; as diferenças devidas à raça são relativamente insignificantes. As atitudes em relação à vida e ao meio ambiente refletem necessariamente variações individuais bioquímicas e fisiológicas.

Desse modo, a atividade perceptiva é o resultado de como o ser humano interpreta, através dos sentidos internos, determinada realidade externa. Fala-se, em percepção climática em decorrência da capacidade do organismo humano reagir às condições climáticas. Através desse processo perceptivo contínuo das condições climáticas desenvolve-se uma cognição ambiental, uma representação ambiental.

A palavra percepção é utilizada, neste sentido, para explicar os fenômenos geográficos como sendo um processo de captação de informação pelo indivíduo. Embora cada uma das teorias mencionadas possuam seu modo particular de análise e interpretação, a epistemologia subjacente às quatro teorias são semelhantes, ao considerar o organismo/indivíduo como um agente que capta informação, e o objeto como algo pré-determinado, estável.

2.3 A Percepção como Configuração do Objeto pela Conduta

Questionamentos acerca de como percebemos o mundo são muito antigos. De acordo com GARDNER (1996, p.312),

os gregos moldavam o conhecimento pela visão; investiram esforços consideráveis na compreensão de como vimos a conhecer o mundo visível e de como este conhecimento pode contribuir para – ou constituir – a compreensão geral. Os pré-socráticos já estavam envolvidos no debate: Metrodorus de Quios aconselhava seus seguidores a desprezarem a evidência de seus sentidos e prestarem atenção à crença; Demócrito, por sua vez, reconhecia que todo o conhecimento se baseia na percepção. Platão acreditava que a alma torna a percepção possível, enquanto Aristóteles estava mais interessado em descobrir como o olho realmente funcionava.

Os estudos referentes à percepção em Geografia iniciaram a partir da década de 1970 com diferentes abordagens e tendências epistemológicas. Apesar de diferentes em alguns aspectos, as abordagens sobre percepção possuem em comum o conceito de cognição como representação², levando a entender que a principal função da mente é representar os dados captados pelo sistema nervoso, não existindo interação entre mente e o ambiente, isto é, entre o organismo e o ambiente. Daí porque habitualmente tem se entendido como se o fenômeno da percepção consistisse na computação de objetos do ambiente pelo sistema nervoso, a partir da captação de informações, pelos

² Para VARELA, THOMPSON E ROSCH (2003, p.144) “na discussão sobre o cognitivismo distinguimos entre dois sentidos de representação. De um lado, há a noção relativamente incontroversa de representação como construto: a cognição consiste sempre em construir ou representar o mundo de determinada forma. De outro lado, há a noção ainda mais forte de que esse padrão de cognição deve ser explicado pela hipótese de que um sistema age com base em representações internas. [...] os compromissos ontológicos e epistemológicos são basicamente duplos: assumimos que o mundo é predeterminado, que suas características podem ser especificadas antes de qualquer atividade cognitiva.”

órgãos sensoriais do organismo, no seu processo de interação com o meio, ressalta Maturana (1997).

Maturana e Varela (1997, p.69) afirmam que “esse modo de falar sobre a percepção e o operar do sistema nervoso não tem um valor metafórico ou didático, mas revela uma postura epistemológica implícita fundamental”:

a- a existência de uma realidade constitutivamente independente do observador como operador que a explica, e que é externa a esse observador enquanto organismo;

b- que o observador pode conhecer essa realidade como resultado de suas interações com ela, ainda que apenas de maneira deformada ou parcial, e

c- que as categorias descritivas que utilizamos em nosso discurso explicativo, tais como objetos, relações, estrutura pertencem a essa tal realidade e não apenas ao que o observador faz ou diz.

Nesse aspecto, conforme Maturana e Varela (1997), o sistema nervoso construiria uma representação ou abstração do meio que lhe permitiria gerar condutas adequadas às diversas circunstâncias de interação do organismo. Assim, o sistema nervoso receberia as informações a partir da atividade cerebral, do meio externo, e se ajustaria à realidade externa. O problema desse conceito habitual, de acordo com Maturana e Varela (1997) é discutido em 1943, quando Roger Sperry realizou alguns experimentos,

mostrando que os animais “recuperavam a visão”, porém se orientavam na conduta de captura de uma presa com uma desviação igual ao ângulo no qual o olho tinha sido girado. Assim, ao girar o olho em 180 graus, o animal diante de uma presa apresentada em seu campo visual anterior, gira e lança sua língua como se a presa houvesse sido apresentada em um campo visual posterior. (MATURANA, 1998, p.56).

Do resultado desse experimento, Maturana constatou que constitutivamente os seres vivos são sistemas³ dinâmicos determinados estruturalmente e como tais não admitem interações instrutivas. Segundo Maturana e Varela (1997) a partir do estudo realizado por Roger Sperry, pode-se afirmar que:

³ “Qualquer conjunto que possa ser assinalado de componentes que se especificam como constituindo uma unidade.”Maturana e Varela, 2003, p.133)

a- tudo que ocorre em um organismo surge nele a cada instante determinada por sua estrutura;

b- enquanto organismo, existe como tal, conserva sua organização em uma história ininterrupta de interações com o meio no qual se realiza.

c- a existência de um organismo como sistema dinâmico consiste em um fluir de mudanças estruturais que segue um curso contingente com as interações que esse organismo tem com o meio, sob condições de conservação de sua correspondência estrutural com ele, e que de outro modo se desintegra.

O resultado dos experimentos de Roger Sperry (1943) possibilitou Maturana e Varela (1997) introduzirem o conceito de acoplamento⁴ estrutural, ao considerar que todo sistema determinado por sua estrutura⁵ apresenta complementaridade estrutural com o meio. De acordo com MATURANA E VARELA (2003, p.133)

desde que uma unidade não entre numa interação destrutiva com seu meio, nós, como observadores, necessariamente veremos entre a estrutura do meio e da unidade uma compatibilidade ou comensurabilidade. Existindo tal compatibilidade, meio e unidade atuam como fontes mútuas de estado, num processo contínuo que designamos com o nome de acoplamento estrutural.

A partir do conceito de acoplamento estrutural Maturana inovou o conceito da atividade perceptiva, o que implicou na afirmação de que o meio não pode especificar o que ocorre a um organismo, e invalida os fundamentos de percepção como processo revelador de características da realidade independente ao organismo que percebe. E

⁴ “Cada vez que o comportamento de uma ou mais unidades é tal que existe um domínio no qual a conduta de cada uma é função da conduta das demais, diz-se que estão acopladas nesse domínio” (Maturana e Varela, 2003, p.133).

⁵ “Dado que a estrutura de uma unidade composta está determinada em qualquer momento por seus componentes e suas relações, qualquer mudança na estrutura de uma unidade composta só pode surgir determinada por sua estrutura pela operação das propriedades de seus componentes. Além disso, dado que uma unidade composta interage como tal através da operação das propriedades de seus componentes, suas interações como unidade composta só podem desencadear nela mudanças estruturais determinadas em sua estrutura sem especificá-las. Finalmente, em decorrência dessa última condição, a estrutura de uma unidade composta determina as configurações estruturais do meio com as quais ela pode interagir. As unidades compostas, conseqüentemente, são sistemas determinados por sua estrutura, e suas características enquanto tais podem ser sistematizadas, dizendo-se que a estrutura de um sistema determinado por sua estrutura determina, a cada instante: a) seu domínio de interações possíveis, sem perda da identidade de classe (com conservação da organização), que denomino seu *domínio de mudanças de estado*; b) seu domínio de interações possíveis, que desencadeiam nela mudanças de estado, que denomino seu *domínio de perturbações possíveis*; c) seu domínio de possíveis mudanças estruturais com perda da identidade de classe (perda da organização), que denomino seu *domínio de desintegrações possíveis*; d) seu domínio de interações possíveis, que desencadeiam nela uma desintegração, que denomino seu *domínio de interações destrutivas possíveis*” (MATURANA,1997 p.84 -85).

que na atividade perceptiva, é certo que o observador distingue o organismo como um sistema que se move em um meio, conservando sua correspondência estrutural com ele. O observador pode distinguir condutas que surgem no organismo associadas às suas interações. É no contexto da associação entre conduta e meio que se usa a palavra percepção, esclarece Maturana e Varela (1997).

A percepção, de acordo com Maturana e Varela (1997), consiste em uma regularidade condutual que o organismo exibe em seu operar em correspondência estrutural com o meio, e que o observador assinala como distinguindo a um objeto. Entendendo, o organismo como um sistema determinado estruturalmente e, portanto, na interação organismo com o meio, é o organismo que determina qual é a configuração estrutural do meio que suscita nele uma mudança estrutural. Define-se, assim, a percepção como a configuração do objeto pela conduta do indivíduo.

Essa abordagem apresenta alguma similiaridade com a abordagem de Tuan (1980), o qual entende a percepção e a atitude ambiental como uma dimensão da cultura e da interação entre cultura e meio ambiente. Para TUAN (1980, p.4), percepção é

tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, quanto a atividade proposicional, na qual alguns fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que é percebido tem valor para nós, quer para prover-nos de nossa sobrevivência biológica, quer para propiciar-nos algumas satisfações de conformidade com a nossa cultura.

Souza (2006, p.12) salienta que “subentende-se, então, que a percepção não ficaria restrita aos sentidos e/ou aos dados dos sentidos, mas incluiria também as atitudes proposicionais referentes à intencionalidade do sujeito.”

Tuan (1980) considera que somos levados a valorizar determinadas percepções em função de nossa sobrevivência biológica ou da nossa herança cultural, nesse sentido se assemelha ao conceito de Maturana, que entende que a percepção é resultante do nosso acoplamento estrutural, da configuração que atribuímos ao objeto pela conduta. Com efeito, o conceito oferecido por Maturana (1995) é mais abrangente, ao inserir o conceito de acoplamento estrutural, e também explica as implicações que se tem no âmbito dos conceitos anteriores acerca da atividade perceptiva em atribuir ao sistema nervoso o regente da vida do organismo/indivíduo.

Maturana (1995) explica que o organismo é um sistema determinado estruturalmente e na interação do organismo com o meio, é o organismo que determina qual a configuração estrutural do meio que desencadeia nele próprio uma mudança estrutural. Assim sendo, Maturana (1995 p.156) diz que “dotados ou não de sistema nervoso, todos os organismos, incluindo o nosso, funcionam como funcionam e estão onde estão a cada instante devido a seu acoplamento estrutural”.

A perspectiva do acoplamento estrutural oferece a idéia de configuração, algo que se configura. Quer dizer que, do processo de interação entre o meio e o organismo resulta um estado particular, de modo que a configuração é entendida como dinâmica, flexível, sendo possível admitir a subjetividade humana no contexto da análise. Maturana (1995, p.156) destaca que “a história de vida de todo organismo é uma história de mudanças estruturais do meio em que ele existe, realizada através da contínua e mútua seleção das respectivas mudanças estruturais.” A congruência entre o organismo e seu meio, é o resultado de sua história.

Nesta perspectiva a interpretação do mundo não é predeterminada, uma vez que, os fenômenos não acontecem independente do observador, mas são dotados de potencialidades e de previsibilidade. Portanto, previsão é permitir considerar “o estado presente de um sistema qualquer que estejamos observando e afirmamos que haverá um estado subsequente que resultará de sua dinâmica estrutural e que também poderemos observar”, explica Maturana (1995, p.154).

Portanto, o estudo dos fenômenos perceptivos como fenômenos cognitivos é o estudo de distintos momentos recorrentes do fluir estrutural do organismo acoplado ao fluir estrutural do meio, como momentos de uma história de interações que implica na conservação da correspondência estrutural entre organismos e meio. Uma vez que o ambiente influencia o comportamento, porquanto o comportamento determina as potencialidades do ambiente, a percepção dos indivíduos sofre influência dos processos sócio-culturais bem como das experiências vividas. Desse modo,

se os objetos perceptuais ficam configurados pelas condutas do organismo, o mundo de objetos perceptuais que se estabelece na convivência de organismos, incluindo o observador, somente pode surgir desta convivência enquanto os organismos operem gerando e conservando sua mútua correspondência estrutural. O fato de que isso seja assim também é evidente na vida cotidiana na qual sabemos que o mundo em comum somente surge na comunidade do viver” (MATURANA, 1995, p.60).

Portanto, é somente a partir dessa interação que se pode entender a nossa atitude perceptiva, podendo-se assim dizer que o nosso fluir existencial irá configurar a nossa percepção de acordo com nosso humor, nossa condição de adaptabilidade ao ambiente. Daí porque falar em representação limita nossos conceitos acerca da percepção, oferece um conceito estático, ao contrário da percepção como resultante da interação entre organismo e o meio.

Para Maturana (1995, p.36) “a representação é um comentário do observador sobre a correlação entre organismo e circunstância”. O termo representação empregado nos estudos da ciência cognitiva, oferecem a idéia de representação como sendo estática, linear, objetiva. Logo seria aceitável construir um mapa que apresentasse os locais mais frequentados no Parque pelos indivíduos, sem pensar sobre os motivos materiais e imateriais que os indivíduos freqüentam tal espaço.

Maturana e Varela (1997, p.66) afirmam que a cognição é “necessariamente relativa ao domínio no qual se observam as coerências estruturais que são resultantes das histórias de interações dos organismos”. Nesse sentido, a cognição depende de nossas capacidades incorporadas para ação, de nossa atitude perceptiva orientada, conseqüentemente a percepção e a cognição têm valor de sobrevivência e constantemente busca-se manter um ajuste ótimo entre o eu e o mundo.

A inteligência é entendida como a capacidade do ser humano de manter seu estado ótimo de adaptação, da sua estrutura. Diferente da definição de inteligência empregada pelos cognitivistas, para os quais a inteligência se assemelha à computação, de que a cognição pode ser definida como computação das representações (Varela, Thompson e Rosch, 2003).

Para Varela, Thompson e Rosch (2003, p.57), “o argumento cognitivista é que o comportamento inteligente pressupõe a habilidade de representar o mundo como sendo de determinada forma”. Entretanto, o mundo não se encontra pré-determinado, mas nós

o construímos e reconstruímos continuamente a partir da reconstrução de nossas reflexões e da adoção de determinado modo de vida, num incessante processo de acoplamento estrutural.

O surgimento da linguagem humana, associada às características, sejam genéticas ou aprendidas, da nossa vida social, e a história do acoplamento linguístico “foram capazes de gerar um fenômeno novo, ao mesmo tempo tão próximo e tão distante de nossa própria experiência: a mente e a consciência,” salienta Maturana (1995, p.243). A mente e a consciência contribuem para evolução e aprimoramento de nossa história de acoplamento estrutural, para ampliar nossos domínios de conduta.

Neste contexto, o discurso reflete a maneira como a linguagem está materializada na percepção e como a conduta se manifesta na percepção. Para Signorini (1998, p.91) “a linguagem não apenas expressa a experiência, mas antes a constitui, pois é através dela que o migrante constrói uma representação da própria vida, dando-lhe significado.” Maturana não utiliza o termo “representação”, mas configuração. Explica o autor que a “linguagem não está no cérebro ou no sistema nervoso, mas sim no domínio das coerências mútuas entre os organismos” (1995, p.24).

Através da linguagem é que se dá a evolução da mente, do conhecimento e da humanidade. Conforme Souza (2006, p.14) “o sentido da evolução da mente e da linguagem se deu na sequência de aquisição dos seguintes atributos, propriedades ou capacidades, por parte dos seres vivos: SENSÇÃO- PERCEÇÃO- COGNIÇÃO- AUTOCONSCIÊNCIA.” Esses atributos, por sua vez, contribuem no processo de manifestação e evolução de nossa conduta.

Na perspectiva do acoplamento estrutural, a autoconsciência pode ser entendida como o conhecimento do fluir existencial em congruência com a coerência estrutural entre o organismo e o meio, que através do processo reflexivo, perceptivo e intencional compõe o processo de adaptação e re-adaptação do homem com o ambiente físico, social e subjetivo, que irão constituir a conduta do sujeito num determinado momento.

Maturana (1995, p.167) denomina como conduta “as mudanças de postura ou posição de um ser vivo que um observador descreve como movimentos ou ações em relação a um determinado meio”. Essa denominação permite considerar a conduta

como probabilidade e não como algo determinado. “A conduta não é algo que o ser vivo propriamente faça, já que nela só acontecem mudanças estruturais internas, e sim algo que nós assinalamos.” Desse modo, a conduta ocorre na relação ser vivo e ambiente que um observador distingue. Sendo assim, “toda conduta é um fenômeno relacional que nós, como observadores, notamos entre o organismo e seu meio, Maturana (1995, p.198).” Nesse sentido, a conduta não está intrinsecamente ligada ao sistema nervoso, mas na relação entre meio e organismo, oferece assim, uma abordagem diferente da perspectiva representacionista que entende o sistema nervoso como o responsável pela percepção e pela conduta.

MATURANA (1995, p.94) explica que

o organismo com seu sistema nervoso se comporta em congruência com sua circunstância ou se desintegra, e enquanto conserva sua organização e adaptação, sua conduta está sempre adequada, e é a única que pode ter. Uma conduta é mais ou menos adequada apenas segundo as expectativas do observador ao distinguir o ser vivo e falar dele. Em sua dinâmica de estados, entretanto, o ser vivo não tem conduta, mas apenas estados com conservação de organização, ou se desintegra.

O sistema nervoso participa na geração de estados, mas define a conduta. Maturana e Varela (2002, p.123) salientam que “o sistema nervoso participa de relações autopoieticas⁶ que definem o organismo que integra, e, em consequência, sua organização está subordinada a tal participação”. Assim, na visão de Maturana (1995) “o que o sistema nervoso faz é expandir o domínio de possíveis condutas, ao dotar o organismo de uma estrutura tremendamente versátil e plástica”. O sistema nervoso prepara o organismo para as adaptações no ambiente, buscando coordenações das ações a fim de conservar suas adaptações em seu domínio de existência.

Maturana (apud Cruz, 2009, p.36) afirma que “somos o que somos em congruência com nosso meio e que nosso meio é como é em congruência conosco, e quando esta congruência se perde, não somos mais.” A congruência permite entender a evolução como um processo, resultante da história de mudanças de estruturais. A evolução se dá quando se constitui uma nova linhagem ao mudar o modo de vida que

⁶ “Os seres vivos se caracterizam por literalmente produzirem de modo contínuo a si próprios. Essa organização é uma rede fechada de relações moleculares que no processo de produção de moléculas produz a si mesma. [...]“A característica mais peculiar de um sistema autopoietico é que ele se levanta por seus próprios cordões, e se constitui como diferente do meio por sua própria dinâmica, de tal maneira que ambas as coisas são inseparáveis.” (Maturana e Varela, 2003, p 23)

se conserva numa sucessão reprodutiva. Maturana (apud Cruz, 2009, p.36) explica que a evolução

se assemelha mais a um escultor vagabundo que perambula pelo mundo recolhendo um fio aqui, um pedaço de lata ali, um pedaço de madeira acolá, e os combinando da maneira que sua estrutura e circunstância permitem, sem mais razão do que a possibilidade de combiná-las. E assim enquanto ele vagueia, vão se produzindo formas intrincadas, compostas de partes harmonicamente interligadas, que são produtos não de um desígnio, mas de uma deriva natural. Assim também, sem outra lei que a conservação de uma identidade e a capacidade de reprodução, foi que todos nós surgimos. É a lei fundamental que nos liga a todas as coisas: à rosa de cinco pétalas, ao camarão – d' água -doce, ao executivo de nova Iorque.

Nesse sentido, diferente da idéia dominante de que a evolução é resultante de uma luta constante travada entre os seres humanos e entre os seres humanos e o ambiente, ou seja, da perspectiva Darwiniana de que a evolução é considerada como resultado da competição em que vence o mais forte, Maturana (1997) considera a evolução como resultante da história de acoplamento estrutural do organismo em busca da adaptação e do bem-estar, e o ritmo dessa história, ou deriva natural, será decorrente de um conjunto de fatores que o indivíduo acolherá ou refutará na possibilidade de combiná-la ao seu estágio evolutivo presente, permitindo assim que as mudanças estruturais aconteçam em seu ser, em busca da adaptação e da congruência.

A evolução nesse sentido se assemelha como a formação de um grande quebra-cabeça, em que o indivíduo ao deparar-se com a peça certa encaixa em seu jogo. O jogo da vida é assim, composto por inúmeras peças que são escolhidas, pelo indivíduo, em função das circunstâncias e das oportunidades (sociais, históricas, econômicas, culturais e ambientais) presentes no seu contexto existencial, buscando a satisfação de suas necessidades. Com efeito, o indivíduo é orientado pelo *background pré-intencional*⁷ e pela autoconsciência⁸ na tomada de decisões, na permissão da ocorrência de mudanças estruturais⁹ em seu ser.

⁷“*Background pré-intencional* é um conjunto de habilidades, suposições e pressuposições pré-intencionais, posturas, práticas e habilidades” (Souza, 2006, p.28).

⁸ “A conduta autoconsciente é conduta no domínio da auto-observação.” (Maturana e Varela, 2003, p.133)

⁹ “Nós, seres vivos, somos sistemas determinados em nossa estrutura. Isso quer dizer que somos sistemas tais que, quando algo externo incide sobre nós, o que acontece conosco depende de nós, de nossa estrutura nesse momento, e não de algo externo.” (Maturana, 1995, p.27).

Para Maturana (1997) nossas decisões são tomadas no domínio da emoção, e não no domínio da razão como tradicionalmente se costuma atribuir. O autor explica que

somos animais que utilizamos a razão, a linguagem, para justificar nossas emoções, caprichos, desejos, e nesse processo, nós os desvalorizamos porque não percebemos que nossas emoções especificam o domínio de racionalidade que usamos em nossas justificações.

Maturana (apud Shlichting, 2007, p.60) considera que “a realidade que vivemos depende do domínio explicativo que adotamos e que isso, por sua vez, depende do domínio emocional no qual nos encontramos no momento da explicação”.

Assim sendo, as ações humanas surgem no domínio emocional, no entanto, é pelo domínio racional que se explica, justifica, identifica, se faz representações simbólicas que permitem entender as atitudes humanas. Desse modo, entender a territorialidade a partir da percepção é buscar dialogar com o domínio emocional (motivações subjetivas) dos sujeitos que territorializam determinado espaço.

2.4 O Lugar: Uma escolha baseada na Intencionalidade

Considerando que, segundo Maturana (1995), a história de acoplamento estrutural e o fluir existencial representam a vontade e a necessidade biológica do organismo de se adaptar e manter-se vivo e saudável, e que os organismos funcionam e estão em determinada circunstância devido à conduta adequada, pode-se afirmar que o lugar se apresenta como o *lócus* onde ocorre a história particular de cada organismo. Isto é, no atual o organismo/indivíduo apresenta o resultado do acoplamento estrutural, e é possível ser identificado, observado e analisado no lugar.

Tuan (1980) considera que o espaço se torna lugar quando atribuímos definição, captando nossa atenção, tornando-se familiar e com significado. Nestes termos, o lugar passa a ser um espaço dotado de valor, à medida que se torna, a partir do domínio emocional do indivíduo, um mundo de significado, organizado pelo domínio racional, no decorrer da sua história de acoplamento estrutural.

Searle (2002) explica que o significado é que transforma meras palavras em atos ilocucionários¹⁰, de acordo com Searle (apud Souza, 2006, p.35), “a linguagem se relaciona à realidade em virtude do significado, mas o significado é a propriedade que transforma meros proferimentos (e marcas sobre um papel) em atos ilocucionários.” Assim também, diante da diversidade de lugares, o significado é a propriedade que transforma meros lugares em território.

Com efeito, os significados que os indivíduos emprestam a determinado lugar¹¹, podem ser identificados nos seus atos ilocucionários, nos seus discursos. Pois, se entende que o discurso narra o contexto do desenvolvimento estrutural do indivíduo, assim como também mostra os aspectos materiais e imateriais que transformaram em territórios.

Nesta perspectiva entende-se que, a paisagem do lugar materializa a maneira como os grupos sociais interagem no ambiente onde estão inseridos, retratando o modo de organização e apropriação da natureza no decorrer dos tempos.

Tuan (1980, p.18) salienta que “os espaços do homem refletem a qualidade de seus sentidos e de sua mentalidade”, significa que, subjacente à história estrutural do indivíduo residem às concepções, crenças, emoções e intencionalidades que direcionam a conduta humana.

No entanto, a experiência tem mostrado que os discursos utilizados pelos indivíduos, desde a antiguidade, sejam as crenças, mitos ou a científicos, serviram

¹⁰“ato ilocucionário é a menor unidade completa possível da comunicação lingüística humana. Sempre que falamos ou escrevemos para outra pessoa, realizamos ato ilocucionário.” (Searle apud Souza, 2006, p.36)

¹¹ “Que é um lugar? O que dá identidade e aura a um lugar? Estas perguntas ocorreram aos físicos Niels Bohr e Werner Heisenberg quando visitaram o castelo de Kronberg na Dinamarca. Bohr disse a Heisenberg: “Não é interessante como este castelo muda tão logo a gente imagina que Hamlet viveu aqui? Como cientistas, acreditamos que um castelo consiste só em pedras, e admiramos a forma como o arquiteto as ordenou. As pedras, o teto verde com a pátina, os entalhes de maneira na igreja constituem o castelo todo. Nada disto deveria mudar pelo fato de que Hamlet morou aqui e, no entanto, muda completamente. De repente os muros e os baluartes falam uma linguagem bem diferente. O próprio pátio se transforma em um mundo, um canto escuro nos lembra a escuridão da alma humana, e escutamos Hamlet : “Ser ou não ser”. No entanto tudo o que realmente sabemos sobre Hamlet é que seu nome aparece em uma crônica do século XIII. Ninguém poderá provar que ele realmente existiu, e menos ainda que aqui viveu. Mas todo mundo conhece as questões que Shakespeare o fez perguntar, a profundidade humana que foi seu destino trazer à luz; assim, teve também que encontrar para si um lugar na Terra, aqui em Kronberg. Uma vez que sabemos disto, Kronberg se torna, para nós, um castelo bem diferente.” TUAN (1980, p.4)

como mediadores das ações cotidianas, entretanto, essas crenças mostraram-se ineficiente. Os dilemas ambientais e sociais de nossa época, de certa forma, refletem a insuficiência dessas crenças, seja em Deus ou na Tecnologia, para garantir o domínio da vida, pois, ao se adotar visões extremistas, dificulta-se uma integração dos saberes e uma leitura holística sobre os fenômenos.

Assim sendo, o propósito de abordar o lugar como uma escolha a partir da intencionalidade não incentiva um retorno ao racionalismo, nem aos mitos, mas constitui-se de uma abordagem que leva em conta o domínio emocional e racional subjacente a conduta humana. Nesse contexto, o lugar pode ser explicado no âmbito da experiência vivida, do comportamento, estando intimamente ligado à intencionalidade.

SEARLE (apud SOUZA, 2006, p.27) afirma que,

o principal papel evolutivo da mente é nos proporcionar certas formas de relação com o meio ambiente, e especialmente com as outras pessoas. Meus estados subjetivos me relacionam com o resto do mundo, e o nome genérico dessa relação é "intencionalidade". Esses estados subjetivos incluem crenças e desejos, intenções e percepções, bem como amores e ódios, medos e esperanças.

Searle (apud Souza, 2006, p.27), salienta que "a intencionalidade é simplesmente o aspecto dos estados mentais pelo qual eles são praticamente dirigidos a objetos e situações outros que não eles próprios." Nesse sentido, a intencionalidade é direcionalidade, isto é, a atenção direcionada de nossa ação no ser no mundo, que compõe a história estrutural do organismo, do indivíduo.

Conforme SOUZA (2006, p.28)

a intencionalidade é a nossa forma de ver e de nos relacionarmos com o mundo, mas ela depende do *background* que carregamos em razão de nosso desenvolvimento filogenético, ontogenético, e sócio-cultural. Esse *background* chama-se *background* pré-intencional, exatamente porque ele condiciona a intencionalidade, condiciona os estados intencionais.

Cada indivíduo possui um *background pré-intencional* e a capacidade de autoconsciência que conduz a história de acoplamento estrutural e o fluir existencial do organismo (Maturana,1995). Essa história evolutiva do indivíduo representa como os organismos funcionam e estão em determinada circunstância devido à conduta adequada, decorrente de sua necessidade biológica de adaptação e evolução. Searle

(apud Souza, 2006, p.28) ressalta que “[...] sem o *background* os estados intencionais não poderiam funcionar, [...] não podem determinar condições de satisfação. Sem o *background* não poderia haver percepção, ação ou memória, ou seja, esses estados intencionais não poderiam existir.”

VARELA, TOMPSON E ROSCH (2003, p. 209) salientam que

a intencionalidade tem dois lados: primeiro, a intencionalidade inclui como o sistema produz o mundo que vem a ser (especificado em termos de conteúdo semântico dos estados intencionais); segundo, a intencionalidade inclui como o mundo satisfaz ou deixa de satisfazer esse construto (especificado em termos das condições de satisfação de estados intencionais). Diríamos que a intencionalidade da cognição como ação incorporada consiste primariamente no direcionamento da ação.

A partir da perspectiva de que a conduta consciente reside na intencionalidade da cognição, quando se busca entender a ação dos homens num determinado lugar não é suficiente apenas verificar a representação mental das pessoas em relação ao lugar em questão, mas entender as motivações subjacentes que emprestam significado. Como afirma Searle (apud Souza, 2006, p.12) “há três características comuns a todos os estados conscientes: eles são internos, qualitativos e subjetivos”, e esses estados conscientes contribuem na formação da percepção e significância do lugar.

Portanto, na paisagem do lugar é possível visualizar o atual resultado do acoplamento estrutural do organismo. A paisagem materializa a história do indivíduo, e é, também, a expressão dos seus atos intencionais¹², sendo assim possível identificar, analisar, estudar e mapear em um momento específico como se produziram os atos intencionais, a conduta humana num lugar. Para isso é fundamental identificar suas percepções, as motivações subjacentes, os estados intencionais que configuram a conduta.

De acordo com Tuan (1980, p.15) “o meio ambiente artificial construído é um resultado dos processos mentais - de modo semelhante, com mitos, fábulas, taxonomias e ciência.” Os processos mentais mudam à medida que necessitamos

¹² “Um ato intencional sempre estará ligado a um estado intencional, porque para qualquer ato intencional sempre representamos uma atitude proposicional. E esses atos e estados manifestam condições de satisfação e direções de ajuste, sendo que os conceitos de condições de satisfação (assim como o de condições de verdade, que é um tipo de condição de satisfação) e de direções de ajuste são fundamentais para a interpretação da comunicação” (SOUZA, 2006, p.31).

ajustar as nossas crenças à realidade. Tuan (1980) salienta que, assim como Sir Kenneth Clerk, historiador da arte, acredita que, à medida que lembra os fatos da vida do pintor e procura situar o quadro à sua frente, na carreira do artista, os seus poderes receptivos vão gradualmente se auto renovando, e fazem-no ver um lindo detalhe da pintura ou cor, assim também, a percepção ou apreciação do lugar acontece de modo efêmero se não existir um elo histórico, social, afetivo que nos reporte ao lugar. Para Tuan (1980, p.110) “a apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos. Também perduram além do efêmero, quando se combinam o prazer estético com a curiosidade científica.”

Por tudo isso é possível afirmar que, por meio de observações e análise do lugar e da percepção dos indivíduos é possível descrever tantos os aspectos materiais como imateriais que constituem o lugar. Assim, realizar essa investigação no sentido de, por meio da percepção dos indivíduos, entender a territorialidade, implicou analisar a territorialidade a partir da conduta dos indivíduos, pois suas percepções revelaram a identidade e o significado emprestado ao lugar. E a territorialidade é, em última análise, o resultado atual da interação estrutural entre meio e indivíduo, num lugar escolhido com base na intencionalidade.

2.5 Identidade e Territorialidade

O homem, quando começou a descobrir diferentes maneiras de viver, modificou seu modo de produção, e também suas relações sociais. Conseqüentemente, com esses novos hábitos, modificou sua cultura, acarretando no aparecimento de novos valores culturais e/ou desaparecimento de outros.

À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicaram, fomos confrontados por uma multiplicidade desconcertante de identidades possíveis, poderíamos com cada uma delas nos identificar, ao menos temporariamente, pois, a diversidade dos grupos humanos, impõe diversificadas identidades (Hall, 2003).

A linguagem, conforme usada na vida diária, diz Schultz (1979) é fundamentalmente uma linguagem que nomeia coisas e eventos. Assim, todas as formas de reconhecimento e identificação dos objetos reais do mundo exterior são baseadas num conhecimento generalizado do tipo desses objetos ou do estilo típico em que eles se manifestam. O homem tipifica a sua própria situação dentro do mundo social, construindo assim sua identidade.

Para VENUTI (apud SIGNORINI, 1998, p.205)

os sentidos não são algo que se dá independente do sujeito. Ao significar, nos significamos. Sujeito e sentido se configuram ao mesmo tempo e é nisto que consistem os processos de identificação. Os mecanismos de produção de sentidos são também os mecanismos de produção dos sujeitos.

Os sentidos e os sujeitos se constroem no processo de identificação, definindo sujeitos e identidades particulares. A identidade pode ser definida, conforme Hall (2003) como as qualidades, crenças e idéias que fazem alguém se sentir ao mesmo tempo indivíduo e membro de um grupo particular. Hall (2003, p.10) distinguiu três concepções muito diferentes de identidade, a saber: as concepções de identidade do sujeito do Iluminismo, do sujeito sociológico, e do sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo está baseado na concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia num núcleo interior, que emerge pela primeira vez quando o sujeito nasce e com ele se desenvolve, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo. Nesse sentido, o centro essencial do eu é a identidade de uma pessoa.

O sujeito sociológico reflete a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito do iluminismo não é auto-suficiente, mas é formado na relação com os outros, que mediam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos (Hall, 2003). Assim, a identidade na concepção sociológica clássica é formada na interação entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem. De acordo com HALL (2003, p.11)

a identidade, na concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós" contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis.

No entanto, atualmente tem se observado que o sujeito vivido, como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado e instável. O sujeito pós-moderno emerge conceituado como não tendo uma identidade fixa, estável. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 2003, p.13).

HALL (2003, p.13) explica que

o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu"

O sujeito pós-moderno, segundo Hall (2003), se configura dotado de diversas identidades e não de apenas uma. A incorporação de diferentes identidades em nossa ação cotidiana é notável, é possível se observar, por exemplo, nas redes de relacionamentos, por exemplo, *Orkut* onde cada participante adota diversas comunidades com as quais se identifica. Inclusive existem várias comunidades relacionadas ao Parque Itaimbé de Santa Maria/RS, onde é possível, de acordo com Benaduce (2006, p.73), destacar as seguintes comunidades: "Itaimbé- Santa Maria", "Parque Itaimbé" e "Basquete no Itaimbé".

O processo universal da sociedade humana é que determina a presença de espaços privilegiados, o valor do lugar e a pluralidade de identidades. Nesse sentido, conhecer o território local implica identificar as identidades culturais que influenciam na configuração de territorialidades e na percepção dessas identidades no território.

A noção de território na Geografia, de acordo com Machado (1997), foi introduzida a partir das ciências naturais, pela etologia no final do século XIX, através de Friedrich Ratzel, em 1882, na obra “Antropogeografia”. Ratzel considerou o território na perspectiva da propriedade, enfatizando que o território “passa a representar uma parcela do espaço terrestre identificada pela posse, uma área de domínio de uma comunidade ou Estado.” (Machado, 1997, p.24).

Até aproximadamente a década de 1960 a temática territorial foi vista através da perspectiva ratzeliana, enfatizando a esfera nacional, política, econômica e ideológica para explicar o território. O poder e a atuação do Estado Nacional definiam a territorialidade a ser investigada. No entanto, a década de 1970 acelera-se a internacionalização da economia e dos mercados, e, conforme MACHADO (1997, p.25)

se por um lado, a globalização possibilita e integra, através de suas redes técnicas, mercados e lugares em escala jamais alcançada, por outro, provoca grandes fragmentações e desigualdades territoriais que ultrapassam as discussões limitadas ao Estado-Nação.

A internacionalização da economia e os valores universais deflagraram, um processo de globalização do imaginário, onde se percebe a tentativa do mercado cultural em “levar” a igualdade da vida cotidiana das pessoas em todos os lugares, independente de evidências históricas ou econômicas distintas. Atualmente, “globaliza-se o território pela globalização do imaginário que crê que todos os lugares são territórios do mundo” Ferrara (apud Santos, 2002, p.48).

Diante dessa conjuntura, na década de 1970 acontece uma valorização da temática territorial e se abre debates sobre o conceito de territorialidade, e segundo Machado (1997, p.26) “não mais apenas, como produto da materialização do solo do trabalho e do capital, mas valorizando o desvendar do significado da individualidade e da subjetividade presentes nos fenômenos e eventos relativos ao homem.”

Embora, o conceito de território estivesse associado à idéia de poder, tanto em referência ao poder público, estatal, privado, atualmente fala-se das cargas identitárias e culturais que territorializam determinadas áreas, sendo assim, de acordo com Haesbaert (2007) possível identificar três vertentes básicas em relação à noção de território, a saber: a vertente política, cultural e econômica.

A política (referida às relações espaço-poder em geral) ou jurídico-política (relativa também a todas as relações espaço-poder institucionalizadas): a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes - mas não exclusivamente - relacionado ao poder político do Estado. Cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido. Econômica (muitas vezes economicista): menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão "territorial" do trabalho, por exemplo. (HAESBAERT, 2007, p.40)

Diferente do contexto naturalista, em que a conduta espacial do homem era entendida como uma forma instintiva de sobrevivência, o atual contexto pós-moderno, implica tratar a territorialidade a partir do comportamento social. Segundo Shotter & Gergen (apud Signorini, 1998, p.306) "as pessoas têm suas identidades construídas de acordo com o modo através do qual se vinculam a um discurso - no seu próprio e nos discursos dos outros." E, "compreender um fenômeno social, econômico e político leva a decifrar sua razão cultural, tal como nos ensinou uma corrente anticulturalista da antropologia: em definitivo, é a cultura que constitui a utilidade" (Bayart apud Haesbaert, 2002, p.39). Com efeito, é a cultura e a carga identitária que vai configurar a utilidade, assim como o modo de ocupação e produção do espaço.

Diferentes pessoas, diferentes lugares e atividades, diferentes objetos e instrumentos, diferentes palavras, diferentes roupas, esses todos trazem à tona - podemos até dizer "recrutam"- diferentes aspectos de nós mesmos. Em relação a e com diferentes pessoas, lugares, objetos, instrumentos, palavras e roupas, nos sentimos como, agimos como e parecemos diferentes pessoas. Somos diferentes si-mesmos situados. Ao imaginarmos os cenários acima, sentimos as mudanças de identidades operando em nossos corpos." (GEE apud LOPES, 2002, p.12).

Assim, as identidades são constituídas pela produção da subjetividade e, de acordo com SOUZA (apud LOPES, 2002, p.389),

a produção da subjetividade é hoje atravessada pelo fluxo ininterrupto de imagens. Diariamente as pessoas, especialmente nas grandes metrópoles, relacionam-se de alguma maneira com as imagens técnicas (televisão, cinema, computador, outdoors, encartes de propagandas, etc..).

Desse modo, entender a territorialidade no contexto pós-moderno é tarefa complexa, visto que os processos atuais de desenvolvimento das relações sociais são caracterizados pela globalização, onde os meios de comunicação em massa “descrevem” os valores globais que se deve seguir, isto é,

sob a cultura de massas ocorre um processo de individualização em que a subjetividade é modelada sob forte pressão da lógica do capital através de diversas linguagens especialmente difundidas através da mídia. Cada pessoa é instigada a sair da indiferença da multidão, a distinguir-se dos demais, a individualizar-se, a não ser apenas mais um na massa amorfa, mas ser alguém especial, cultivar a sua individualidade, destacar-se dos demais. Tal diferenciamento, entretanto, deve se realizar conforme as referências estabelecidas pelas linguagens dominantes, pelos balizamentos propostos pelo sistema vigente através de seus inúmeros equipamentos e meios de modelizar a subjetividade. (MANCINI, 1994, p.6)

Os tempos pós-modernos expressam no território, as distintas cargas identitárias presentes. Atualmente a identidade étnica, principalmente no meio urbano, não é necessariamente marca de uma tipificação, mas a identidade social, caracterizada por grupos de indivíduos que formam “tribos”, cuja identificação ocorre de forma particular e específica. Haesbaert (2002) acredita que os territórios, sejam eles geográficos, sociológicos ou afetivos estão sendo destruídos, juntamente com as identidades culturais (que seriam também territoriais) e o controle sobre os espaços.

Observa-se que a identidade social/cultural está se sobrepondo a identidade étnica. Explica HAESBAERT (2002, p.39) que

os territórios modernos por excelência, os do Estado-nação, são marcados por uma “comunidade imaginada” calcada na figura de um indivíduo nacional-universal, capaz de impor-se sobre as diversas “comunidades” baseadas na diferenciação étnica dos grupos sociais.

O território nacional recebe carga identitária diversa da sua tradicional, constantemente reiventada-se, isto é, ao mesmo tempo, que é desterritorializado da sua antiga identidade, é logo reterritorializado política e culturalmente por uma nova identidade. De acordo com HAESBAERT (2002, p.39)

hoje, na desordem territorial denominada precariamente de pós-moderna, lado a lado com uma globalização que se diz homogeneizadora e niveladora de culturas, surge uma fragmentação envolvendo territórios estatais-nacionais, com um caráter político mais pronunciado, e territórios de forte conotação identitária, muito deles veiculadores de uma verdadeira etnicização da territorialidade.

Embora exista um esforço de manter e conservar a linguagem cultural de cada grupo, para alguns autores os processos dominantes de globalização têm influenciado na conservação das identidades culturais. Haja vista que, à medida que diversas áreas do planeta são expostas ao domínio da tecnologia e do capital de forma desigual, registram-se desigualdades de poder em todos os sentidos, os quais hierarquizam os povos e as nações tornando umas nações superiores e outras subordinadas, configurando diferentes territórios.

Não obstante, MESQUISTA (in MESQUITA, 1995, p.83) salienta que

o território é o que é próximo; é o mais próximo de nós. É o que nos liga ao mundo. Tem a ver com a proximidade tal como existe no espaço concreto, mas não se fixa a ordens de grandeza para estabelecer a sua dimensão ou o seu perímetro. É o espaço que tem significação individual e social. Por isso ele se estende até onde vai a territorialidade. Esta é aqui entendida como projeção de nossa identidade sobre o território. Assim me sinto diante do território.

No entanto, tal como o sujeito pós-moderno, o território se tornou dinâmico, porque o homem o torna variante, apresentando num determinado espaço distintas territorialidades, pois ao territorializar esse espaço o sujeito pós-moderno, empresta ao local uma identidade particular, e essas características culturais que os indivíduos emprestam a determinado espaço resultam em territorialidades.

Segundo Haesbaert (2007), a perspectiva cultural do território pode ser identificada no livro de Hall (1986) “A Dimensão Oculta”, o qual salienta que “o território é considerado como um signo cujo significado somente é compreensível a partir dos códigos culturais nos quais se inscreve.” (Garcia apud Haesbaert, 2007, p.69).

E de acordo com GARCIA (apud HAESBAERT, 2007, p.70)

é precisamente este significado ou idéia que se interpõe entre meio natural e a atividade humana que, com relação ao território, tratamos de analisar (...) O estudo da territorialidade se converte assim em uma análise da atividade humana no que diz respeito a sistematização do espaço territorial.

No contexto atual, e sob a perspectiva do discurso e das identidades múltiplas, a territorialidade corresponde às ações discursivas e espaciais desenvolvidas por agentes sociais em uma determinada área geográfica e em determinado momento histórico.

Para Haesbaert (2007) o território é definido a partir dos processos sociais. É o social, político e cultural que constrói o território, e define territorialidades múltiplas

como o termo mais apropriado para indicar convivência, e multiterritorialidade para dar conta da sobreposição de lógicas territoriais.

Pode-se dizer que, as condições que se constroem a territorialidade estão relacionadas com os significados que os grupos humanos emprestam a determinado lugar. Isto é, a intencionalidade vai contribuir para construção de territórios e da consciência territorial. A consciência territorial¹³ permite a tomada de consciência do lugar como uma escolha baseada na intencionalidade, pois é no lugar que se forjam os projetos individuais e sociais, que reflete as ações e a conduta cotidiana dos indivíduos. Com efeito, o comportamento territorial é um mecanismo de regulação de fronteiras entre as pessoas, ocorrendo uma personalização do espaço, através de identificações, onde o território passa ser visualmente identificado.

¹³ Para Mesquita (1995, p.89) “Consciência Territorial é entendida como a consciência do lugar, do lócus da sociabilidade mais próxima vivida no cotidiano, resgatando-a das próteses audiovisuais da mídia, para oferecer-lhe chances de vir a ser sociabilidade.”

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização da Área de Estudo

O presente trabalho foi desenvolvido no espaço geográfico do Parque Itaimbé na cidade de Santa Maria-RS, cuja população total em 2005, era de 261.980 habitantes, com uma densidade demográfica de 144,1 hab/km² em uma área territorial de 1.779,6 km². O município de Santa Maria está localizado na Região Central do estado do Rio Grande do Sul, encontra-se sobre o divisor de águas das bacias hidrográficas do rio Uruguai e do Sudeste (Souza, 2001).

Em relação à temperatura, de acordo com Sartori (apud Souza, 2001, p.127) a cidade de Santa Maria apresenta no inverno a média das máximas se apresenta entre 13°C e 15°C e a média mínimas em torno de 7°C e 10°C. Os verões apresentam temperatura média no mês mais quente superior a 24°C.

Os ventos predominantes, segundo Sartori (apud Souza, 2001, p.127) são os do quadrante E e SE, na depressão, com velocidade média de 1,5 a 2,0 m/s (5,4 a 7,2 km/h), ao passo que no topo do Planalto são SE, com velocidade média de 2 a 4 m/s (7,2 a 14,4 km/h). As precipitações são regulares, conforme Sartori (apud Souza, 2001) ao longo do ano, a cidade não apresenta estação seca definida, os meses menos chuvoso é Novembro e os mais chuvosos os de Setembro e Outubro.

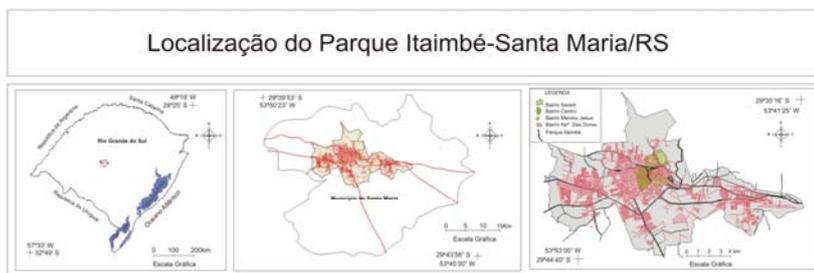
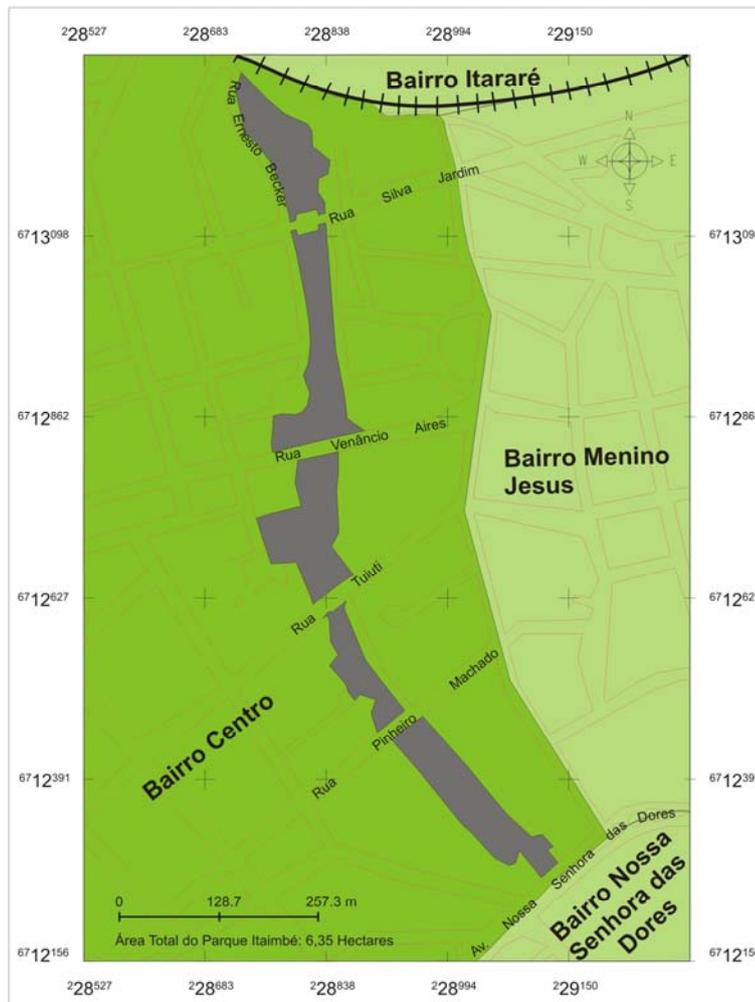
Em relação à composição geológica, o município, Sartori (apud Almeida, 2007) explica que, está situado sobre sedimentos continentais de origem vulcânica, ocorridos durante os períodos jurássico e triássico. Os sedimentos fazem parte da Formação Santa Maria, Formação Botucatu, são constituídos por sedimentos arenosos (arenitos, folhelhos e lamitos) e Sedimentos da Serra Geral representado pelos Basaltos e Granófiros.

Em relação às características funcionais da cidade, Sartori (apud Almeida, 2007) aponta que o setor terciário, principalmente nas atividades relacionadas ao comércio e a prestação de serviços, corresponde à absorção de 80% da população

economicamente ativa do município. A cidade, nos últimos 10 anos apresentou um grande crescimento na área educacional, tornando no mais importante centro urbano educacional do interior do Estado. Também se destaca como um importante centro militar do Brasil.

O Parque foi construído sobre a área do leito e vale do arroio Itaimbé, afluente do arroio Cadena, apresentando forma alongada, e em seu entorno compreende prédios residenciais, de alto valor mobiliário. Está localizado no Centro do perímetro urbano do município, próximo ao limite com o Bairro Menino Jesus na parte Central, com o Bairro Nossa Senhora das Dores no extremo Sul e com o bairro Itararé no extremo Norte, como ilustra a figura 1.

FIGURA1: Mapa de Localização do Parque Itaimbé- Santa Maria/RS.



Elaboração e Edição Final: Vanessa Farias (Agosto de 2009)
 Fontes: Banco de dados do Spring - IBGE/2008

Segundo Benaduce (2007), a Lei Municipal Nº 2096/80, de 10 de Janeiro de 1980, inclui o perímetro do parque no zoneamento urbano e caracteriza-o como um espaço sujeito à preservação ou a controle específico. Em 15 de dezembro de 2005 o Projeto de Lei Nº 6542, o parque passa a ser considerado uma “Área de Preservação Permanente”, ou seja, é uma área “onde podem conviver Homem e Ecossistemas, sem grandes impactos ou traumas ambientais, destinadas ao turismo ecológico, atividades culturais, educacionais, recreativas, de lazer e loteamentos, desde que respeitem os recursos naturais.”

Benaduce (2007, p.19) informa que o perímetro exato do parque não está oficialmente descrito em nenhum documento oficial, podendo apenas ser presumido pelos diversos registros que se encontram em nome do município de Santa Maria e da Prefeitura Municipal, e sendo igualmente difícil informar sobre as construções nele existentes, porque não está constituído enquanto “Parque Itaimbé”, pois não há matrícula própria para serem averbadas tais construções, haja vista que o parque é caracterizado como uma área pública, sendo inalienável, de acordo com o Código Civil brasileiro.

3.2 Fundamentação Metodológica: Análise Crítica do Discurso

Diversos autores entendem o discurso como uma construção social, que explicita as formas de ação do mundo assim como registra as intencionalidades subjacentes do agir humano. Investigar o discurso, diz Lopes (in Signorini, 1998, p.305), “é analisar como os participantes envolvidos na construção do significado estão agindo no mundo através da linguagem e estão, deste modo, construindo a sua realidade social e a si mesmos”.

Nas palavras de LOPES (in SIGNORINI,1998, p.304)

o discurso tem sido cada vez mais representado como um processo de construção social no sentido de que: a) o significado é um construto negociado pelos participantes, isto é, não é intrínseco à linguagem (Bakhtin, 1981; Duranti, 1986; Nystrand & Wiemelt, 1991; Cicourel, 1992 etc); e b) a construção social do significado é situada em circunstâncias sócio-históricas particulares e é mediada por práticas discursivas específicas nas quais os participantes estão posicionados em relações de poder (Foucault, 1971; Fairclough 1989, 1992, 1995; Lindstrom, 1992; etc.)

Coulthard (2008) aponta que, até os anos 1960 os estudos linguísticos focalizavam apenas estrutura gramatical das sentenças e a semântica das palavras, sem preocupação com o conteúdo. Todavia, nas últimas três décadas, o foco passou da descrição das propriedades formais das línguas para investigar como os falantes se identificam e agem através do código linguístico como sujeito dentro de um contexto social.

De acordo com Fairclough (in Coulthard, 2008, p.29), a análise do Discurso é “uma orientação aos estudos da língua que associa a análise textual com uma teoria social do funcionamento da língua em processos ideológicos e políticos.” Consequentemente, critica os estudos linguísticos tradicionais por “interpretarem convenções e práticas como objetos a serem descritos de uma forma que obscurece seus investimentos ideológicos e políticos.”

Em 1920, Voloshinov estabeleceu os princípios básicos para uma análise crítica, segundo Coulthard (2008), e em 1930, Firth entendia a língua como uma forma de nos comportarmos e de fazermos outros se comportarem. Ainda conforme Coulthard (2008), na década de 70 é que os primeiros trabalhos de “linguística crítica” foram desenvolvidos por um grupo de pesquisadores na universidade de East Anglia, na Inglaterra. Teóricos como Pêcheux, Kress, Fairclough, Gee, ampliaram os limites de análise, contribuindo para a emergência de uma nova teoria linguística. Com efeito, as influências mais importantes para Análise Crítica do Discurso (ACD) têm sido as teorias sociais de Foucault, Bordieu, Althusser e Habermas e a teoria linguística sistêmico-funcional, todos preocupados em relacionar os processos de produção textual com a interpretação da prática social (Coulthard, 2008).

Fairclough (apud Olivo, 2006) assinala a existência de três principais formas de implicações discursivas na prática social, com a formação de relações sociais, identidades e representações: a) Modo de Ação: os discursos fazem parte da atividade

social constituindo-se em gêneros; b) Modo de Representação: atores sociais, diferentemente posicionados, vêem e representam a vida social de diferentes formas, com diferentes discursos; c) Modo de Comportamento: discursos exibem formas de ser, constituindo estilos, identidades, formas sociais particulares.

Para GEE (apud COULTHARD, 2008, p.30)

a Análise Crítica do Discurso vê as práticas discursivas ou Discursos como modos de comportamento que nos colocam em determinados grupos sociais. Operam para integrar pessoas nas sociedades: interagindo, avaliando, pensando, acreditando, falando e muitas vezes lendo e escrevendo. Estes modos são aceitos, como exemplo de papéis particulares desempenhados por grupos específicos, como famílias de um certo tipo, advogados de um certo tipo, motoqueiros de um certo tipo, etc.. A língua, assim como o letramento, será sempre e em todo lugar integrada e relativa às práticas sociais e constituem Discursos particulares.

O grupo social determina as práticas discursivas, de modo que cada grupo cultural adota seu próprio discurso, o qual está ligado à maneira pela qual as pessoas se comportam e agem no mundo. Este discurso marca a identidade do grupo. Todavia, todos nós fazemos parte de outros grupos que incluem a família, trabalho, escola, amigos, igreja. Assim agimos em diferentes lugares, as práticas discursivas representam as nossas várias identidades.

KRESS (apud COULTHARD, 2008, p.30) salienta que

discursos definem e limitam o que é ou não é possível se dizer (e por extensão, o que é ou não é possível se fazer) em relação a instituições particulares... um discurso nos dá uma série de possibilidades sobre uma área de atuação, organiza e dá estrutura à maneira pela qual falamos sobre um tópico, uma coisa, um processo. Assim, ele nos proporciona descrições, regras, permissões, e proibições das ações sociais e individuais.

Quando se pretende praticar qualquer tipo de análise é indispensável que não se dissocie a produção linguística dos valores ideológicos e institucionais, pois, são esses valores que configuram a organização social dos agentes sociais.

COULTHARD (2008, p.31) afirma que

quando nos comunicamos, manipulamos as variáveis sociolinguísticas a fim de demonstrar nossas identidades. Portanto, quando interagimos, expressamos e reproduzimos a estrutura social. Podemos, por exemplo, chamar pessoas de “rebeldes” ou “terroristas”, “protestantes” ou “desordeiros”, “religiosos” ou “fanáticos”, “pivetes” ou “crianças desamparadas”. O ato de se usar a língua envolve escolhas do que se falar (e até do que não se falar) e estas escolhas nunca são neutras, já que estão relacionadas às nossas identidades sociais e aos vários grupos culturais, étnicos, religiosos aos quais nos associamos, assim como ao nosso enquadramento nas ideologias específicas.

O discurso expressa a atividade perceptiva dos indivíduos, e a percepção, por sua vez, informa sobre a conduta dos sujeitos, trazendo implícita a carga identitária dos grupos sociais. Por essas razões, a análise de discurso foi escolhida como ferramenta metodológica. Essa escolha se justifica, por considerar indispensável para se entender o processo de apropriação do espaço geográfico pela sociedade, analisar o discurso dos sujeitos sociais, a fim de identificar o modo como expressam e situam seu ser no mundo.

De acordo com Fairclough (apud Olivo, 2006, p.59), o discurso “contribui para constituição de todas as dimensões da estrutura social, incluindo aí estruturas conceituais, objetos de conhecimentos, posições de sujeitos, identidades sociais e relacionamentos”, nesse sentido, o discurso reflete as relações estabelecidas entre o indivíduo e o meio, os estados intencionais e a intencionalidades dos grupos humanos, contribuindo para a significação do mundo e da experiência vivida.

Desse modo, visando coletar os elementos subjetivos dos indivíduos, elaborou-se uma metodologia de coleta e análise que serviu como instrumento para coleta das percepções dos entrevistados, por intermédio de três eixos temáticos, a saber: I- Horário, Motivo e lugar específico; II- A relação frequentador e ambiente do lugar; III- A percepção do frequentador.

3.3 Procedimentos para Coleta e Análise dos Resultados

A presente pesquisa foi realizada no período de setembro de 2007 a setembro de 2009 no Programa de Pós-Graduação em Geografia na UFSM- Universidade Federal de Santa Maria/RS.

Num primeiro momento foi realizada revisão bibliográfica em obras científicas que tratassem das seguintes temáticas: ciência moderna, Geografia Humanista, Fenomenologia, análise de discurso, percepção, territorialidade, identidade, lugar.

Num segundo momento, foi realizado um reconhecimento prévio da área de estudo, delimitada a área, e realizou observações e entrevista preliminar com o intuito de verificar como se dá o processo de ocupação desse espaço. As entrevistas preliminares e as observações *in loco* aconteceram entre o mês de Janeiro de 2008 até o mês de Março de 2009, no período da manhã – 9 h às 11 h – no período da tarde – 14h às 17 h e das 20 h às 21h. Essas observações foram realizadas três vezes por semana.

Ao verificar os motivos pelos quais os entrevistados frequentam o parque, por meio da entrevista preliminar, foi possível identificar dois grandes grupos de frequentadores em razão da funcionalidade do parque Itaimbé. Sendo um grupo composto pelas pessoas que frequentam o parque como área de lazer - Grupo A e outro como local de trabalho - Grupo B.

Com efeito, observou-se que esses dois grandes grupos não constituem grupos hegemônicos em relação à identidade, configurando assim distintas territorialidades no parque Itaimbé de Santa Maria/RS. Assim, as territorialidades foram diagnosticadas a partir da identificação dos motivos pelos quais o frequentador utiliza o espaço geográfico estudado, e foram identificadas como subgrupos, a saber:

- Os frequentadores do Grupo A, que utilizam o parque a fim de lazer compõem subgrupos: AA- formado pelas pessoas que frequentam o Parque para realizar caminhadas, passeios com seus filhos e/ ou cães para reunir amigos, encontros, estudos; AB- composto pelos praticantes de “*Le parkour*”; AC- formado pelos praticantes de esportes tradicionais, como vôlei, basquete e ciclismo.

- O Grupo B compreende as pessoas que frequentam o parque como local de trabalho. É formado pelos Subgrupos: BA- composto por pessoas que fazem a varrição do Parque, pelos responsáveis pela vigilância; BB- formado pelos que comercializam produtos coloniais; BC- formado pelos grupos de associação como da Terceira Idade e o MTG da 14 Região Tradicionalista.

Num terceiro momento, partiu-se então, para as entrevistas, com os elementos de cada subgrupo de frequentadores. Para tanto as pessoas entrevistadas foram escolhidas, em razão da sua influência em relação ao grupo que é integrante, pela disponibilidade e tempo para realização da entrevista e pela frequência ao local estudado. Em razão do caráter qualitativo da presente pesquisa considera – se que o número de entrevistados foi satisfatório atendendo as necessidades e os objetivos da pesquisa. As entrevistas aconteceram entre o mês de Março de 2009 até o mês de Junho de 2009, no período da manhã – 9 h às 11 h – no período da tarde – 14h às 17 h e das 20 h às 21h.

As entrevistas foram agrupadas em três eixos temáticos, com questões norteadoras, como mostra o Quadro 1, para interpretação dos elementos subjetivos subjacente à percepção do frequentador.

QUADRO 1: Questões norteadoras da entrevista

EIXOS TEMÁTICOS	QUESTÕES
I- Horário, Motivos e Local Especifico no Parque Escolhido para Frequentar;	a) Quais os motivos, locais e horários que o entrevistado frequenta o parque?
II- A relação Frequentador e o Ambiente do Parque	b) Que significado o frequentador atribui ao parque? O parque é considerado um lugar ou uma paisagem?
III-A Percepção do Frequentador.	c) Como o frequentador percebe o parque? O ambiente do Parque desperta alguma sensação? O frequentador percebe o que quando está no parque? O frequentador identifica as diferentes territorialidades no parque?

Org.: CRUZ, Claudete Robalos da, 2009.

Num quarto momento, realizou-se a análise do discurso e buscaram-se elementos que subsidiassem a análise da territorialidade, por meio da percepção dos frequentadores do parque.

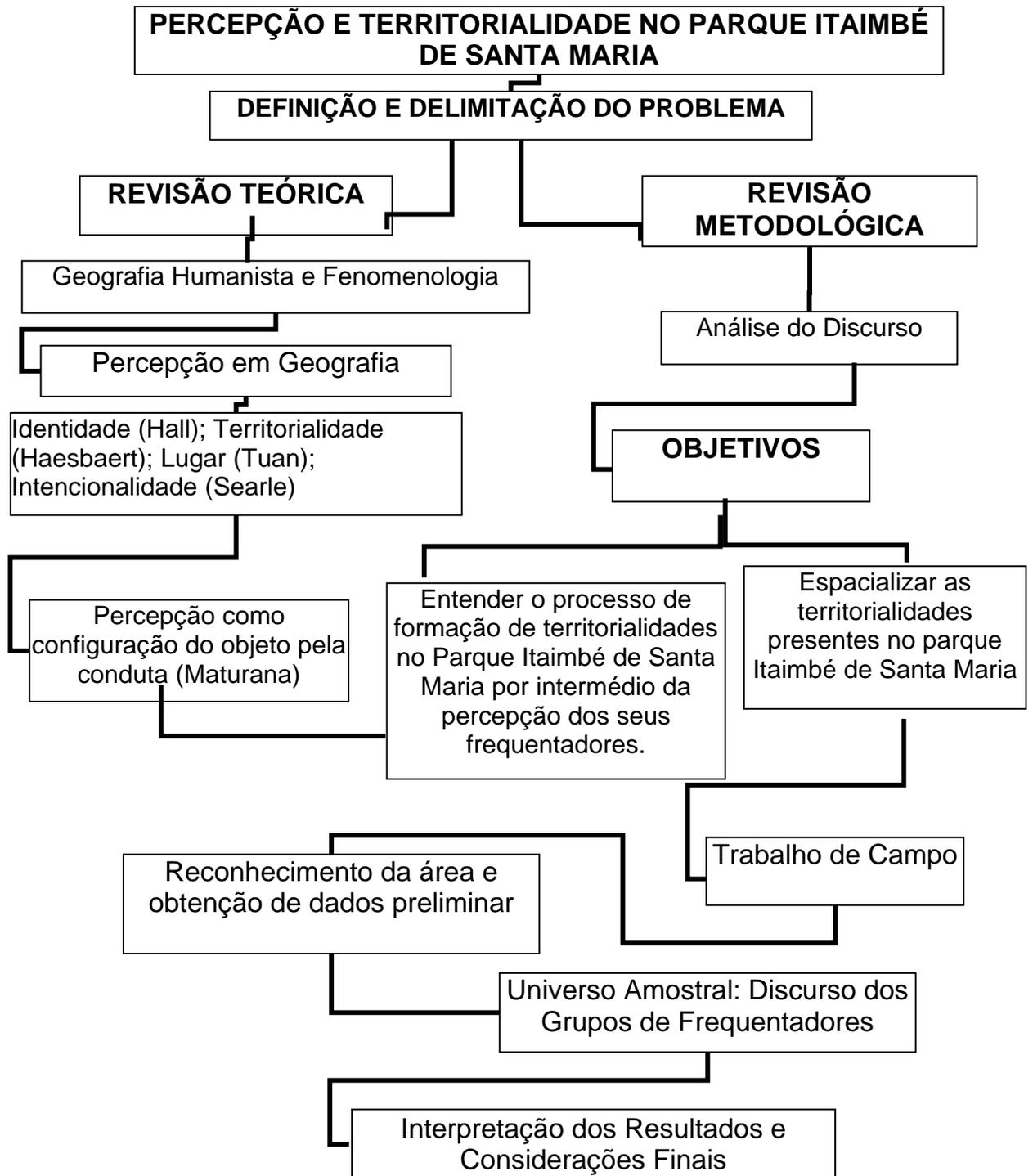
Na análise buscou-se relacionar os atos de fala e seus sentidos manifestados pelos entrevistados, sem preocupação com um rigorismo formal de análise das marcas linguísticas. Como salienta FAIRCLOUGH (apud OLIVO, 2006, p.86)

um discurso nunca poderá ser estudado por inteiro, mas em partes por intermédio de algumas pistas, que podem ser encontradas nas instâncias dialeticamente inter-relacionadas entre prática textual, prática discursiva e prática social, a partir de uma relação dialética.

Assim, o que se buscou na investigação foram questões referentes à compreensão da concepção do sujeito do discurso, e de suas percepções, que permitissem explicar a territorialidade do parque e a relação estabelecida entre o ambiente e indivíduo.

O roteiro de pesquisa, figura 2, mostra as etapas realizadas até o processo de interpretação dos resultados.

FIGURA 2: Roteiro da pesquisa.



4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Para o desenvolvimento desta etapa, a metodologia utilizada para coleta da atividade perceptiva dos frequentadores do Parque Itaimbé de Santa Maria/RS serviu como instrumento para coleta de dados, a fim de encontrar elementos que subsidiassem a análise da percepção a fim de entender e explicar a territorialidade. Buscou-se relacionar os atos de fala e seus significados manifestados pelos entrevistados, sem preocupação com um rigorismo formal de análise das marcas linguísticas.

4.1 Motivos, horários e a distribuição dos frequentadores no Parque Itaimbé.

Neste item buscou-se identificar e apresentar os motivos pelos quais o indivíduo utiliza esse espaço geográfico. Também foi importante identificar os horários e locais que o indivíduo mantém maior frequência, pois se acredita que dependendo dos motivos, horários e locais específicos frequentados, a atitude ambiental e a percepção referente ao ambiente será distinta, haja vista que, a percepção é entendida como configuração do objeto pela conduta.

Assim sendo, considerou – se que, o discurso do frequentador registra a configuração atual do indivíduo estabelecida com o meio, isto é, diz respeito à atitude ambiental num momento específico em condições particulares e próprias do sujeito.

Deste modo, tem se primeiramente a identificação e caracterização dos grupos frequentadores (quadro 2 e 3), assim como o perfil dos entrevistados (tabela 1 e 2) e a distribuição dos frequentadores no parque Itaimbé (figura 3 e 4).

Quadro 2- Locais e Horários frequentados no Parque Itaimbé pelo Grupo A.

GRUPO A	Locais e Horários
Subgrupo AA- pessoas que realizam caminhadas, passeios com filhos e cães, encontro de amigos, grupos de estudos e usuários de drogas	Local: Os locais mais frequentados são entre as ruas Tuiuti e Pinheiro Machado entre Venâncio e Tuiuti. Horário: Frequentam o parque no período vespertino no inverno, matutino e vespertino no verão.
Subgrupo AB- praticantes de <i>Le parkour</i>	Local: Entre a Pinheiro Machado e Avenida Dores. Horário: Frequenta o parque no período vespertino.
Subgrupo AC- praticantes de esportes tradicionais, vôlei, basquete e ciclismo.	Local: Entre a Silva Jardim e Venâncio Aires. Horário: Frequenta no período vespertino.

Org.: CRUZ, Claudete Robalos da, 2009. Fonte: Trabalho de Campo.

O subgrupo AA ficou assim delimitado, pois, no momento em que foi realizada a coleta de dados preliminarmente constatou-se que, nos discursos das pessoas que frequentam o parque com o objetivo de realizar determinada atividade descrita no subgrupo AA (quadro 2), foram muito semelhantes, e, em razão dessas múltiplas atividades realizadas pelos membros que compõem esse subgrupo, tornou-se difícil oferecer uma distinção melhor de suas atividades, uma vez que, as pessoas que vem ao parque realizar caminhadas com seus cães, ao mesmo tempo, acompanham seus filhos ou encontram seus amigos no parque. Assim, para não tornar-se repetitiva e maçante a análise do discurso, delimitou-se dessa forma o subgrupo AA, haja vista que, o parque apresenta a existência de outros grupos de frequentadores mais distintos e específicos.

Deve-se salientar também, que as entrevistas foram feitas a um número maior de inquiridos do que foi apresentado nos quadros 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11. Entrevistou-se mais de um membro de cada subgrupo, todavia, em razão da semelhança dos

discursos, para evitar tornar maçante a leitura e a discussão dos resultados, optou-se por transcrever e analisar os discursos mais relevantes para este estudo.

A tabela 1 apresenta o perfil dos entrevistados do Grupo A. Nota-se que, os frequentadores de utilizam a área do parque em função do lazer, em sua maioria, residem nas proximidades do parque, e em relação ao grau de escolaridade em sua maioria, possuem ensino superior.

Tabela 1: Perfil dos entrevistados do Grupo A.

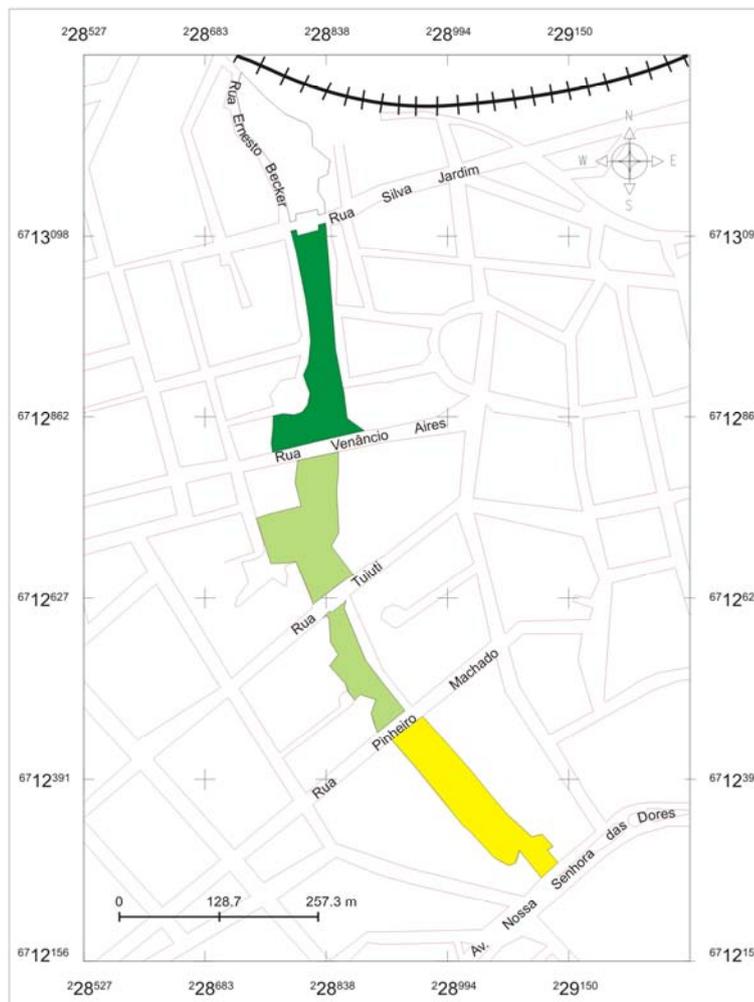
SEXO	IDADE	TEMPO DE RESIDÊNCIA EM SM (ANOS)	BAIRRO (Residência)	MORADOR PROXIMO	ESCOLARIDADE
Masculino	23	11	Centro	Sim	Ensino Superior Incompleto
Feminino	53	10	Centro	Sim	Ensino Superior Incompleto
Masculino	54	12	Centro	Sim	Ensino Superior Completo
Feminino	31	16	Centro	Sim	Ensino Superior Incompleto
Feminino	60	14	Centro	Sim	Ensino Superior Completo
Masculino	29	14	Centro	Sim	Ensino Médio Completo
Masculino	25	14	Centro	Sim	Ensino Superior Incompleto
Feminino	44	5	Centro	Sim	Ensino Médio Completo
Feminino	21	5	Centro	Sim	Ensino Superior Incompleto
Feminino	53	15	Centro	Sim	Ensino Superior Completo
Feminino	45	10	Centro	Sim	Ensino Médio Completo
Masculino	31	4	Centro	Sim	Ensino Superior Completo
Masculino	63	6	Centro	Sim	Ensino Fundamental Completo
Masculino	21	19	Cerrito	Não	Ensino Superior Completo

Org.: CRUZ, Claudete Robalos da, 2009.

Fonte: Trabalho de Campo.

A figura 3 apresenta o mapa de distribuição dos frequentadores do grupo A e os locais que os subgrupos AA, AB e AC utilizam esse local com assiduidade, configurando assim a territorialidade do grupo A.

FIGURA 3: Mapa distribuição dos frequentadores no Parque Itaimbé do Grupo A.



Distribuição dos frequentadores do Parque Itaimbé-Santa Maria/RS



Org.: CRUZ, Claudete Robalos da, 2009.

QUADRO 3: Locais e Horários frequentados no Parque pelo Grupo B

GRUPO B	Locais e Horários
Subgrupo BA- composto pelas pessoas que realizam a vigilância e varrição no Parque	Local: Toda área do parque. Horários: de Segunda a sábado pela manhã e a tarde.
Subgrupo BB- comerciante de produtos coloniais	Local: Entre a Pinheiro Machado e Avenida Dores Horário: As quartas feiras das 6 h da manhã ao meio dia.
Subgrupo BC- Grupo de Terceira Idade e o Grupo Tradiconalista Gaúcho	Local: Entre a Venâncio e a Silva Jardim (grupo Terceira Idade) entre a Silva Jardim e Hernesto Becker (MTG). Horários: De segunda a sexta-feira, pela manhã e a tarde.

Org.: CRUZ, Claudete Robalos da, 2009.

Fonte: Trabalho de Campo.

Os subgrupos BA, BB e BC foram assim delimitados em razão das atividades específicas que os membros de cada grupo de frequentador realizam no parque, sendo possível identificar os horários e dias.

Nota-se que os integrantes desse grupo (grupo B) frequentam o parque, prioritariamente, porque serve como local de trabalho. A tabela 2 mostra que, os frequentadores são moradores de bairros distantes, possui mais tempo de residência no município do que os entrevistados do grupo A. Em relação ao nível de instrução, em sua maioria, os representantes do grupo B possuem apenas Ensino Fundamental. A figura 3 apresenta a territorialidade desse grupo.

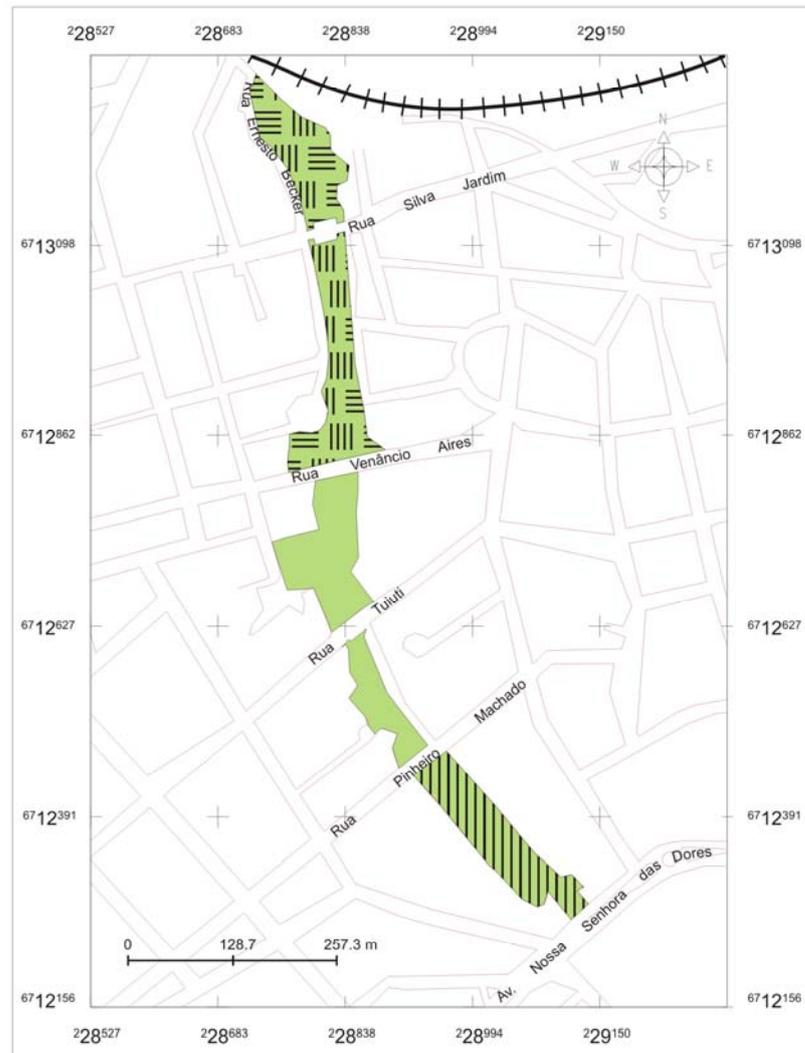
TABELA 2: Perfil dos Entrevistados do Grupo B.

SEXO	IDADE	TEMPO DE RESIDÊNCIA EM SM (ANOS)	BAIRRO (Residência)	MORADOR PRÓXIMO	ESCOLARIDADE
Masculino	36	25	Camobi	Não	Ens. Fund.incompleto
Masculino	40	40	Pinheiro Machado	Não	Ens Fund.incompleto
Masculino	23	23	Schirmer	Não	Ens. Fund.incompleto
Masculino	49	9	Salgado Filho	Não	Ens. Fund.incompleto
Feminino	35	35	Patronato	Não	Ens.Fund. Completo
Masculino	54	22	Caturita	Não	Ens.fund incompleto
Masculino	34	34	Santos	Não	Ens Médio completo
Masculino	44	44	Perpetuo Socorro	Não	Ens Superior Completo
Masculino	32	32	Rosário	Não	Ens Médio completo
Masculino	61	39	Medianeira	Não	Ens Médio incompleto
Feminino	57	40	Antonio Reis	Não	Ens Superior Completo
Feminino	74	44	Perpetuo Socorro	Não	Ens fund. Incompleto

Org.: CRUZ, Claudete Robalos da, 2009.

Fonte: Trabalho de Campo.

FIGURA 4: Mapa da distribuição dos Frequentadores do Grupo B.



Distribuição dos frequentadores do Parque Itaimbé-Santa Maria/RS



Org.: CRUZ, Claudete Robalos da, 2009.

4.2 Relação entre os frequentadores e o ambiente do parque

Neste item realizou-se a identificação do significado emprestado ao ambiente pelo indivíduo, o que tornou possível inferir se o espaço geográfico em questão representa uma paisagem ou um lugar ao frequentador. Desse modo, o espaço geográfico de acordo com o significado atribuído pelo indivíduo, será considerado uma paisagem se houver apenas apontamentos acerca dos aspectos naturais do ambiente, e será considerado um lugar se houver a manifestação de afetividade e a noção de pertencimento em relação ao ambiente.

Considerando que, a paisagem materializa a relação que o homem estabelece com seu mundo interno e externo, expressando assim, a configuração dos estados intencionais dos indivíduos. Nesse processo de interação entre ambiente e indivíduo, cada um atribuem significado o mundo de acordo com seu *background* pré-intencional.

Desse modo, buscou-se identificar o significado que o frequentador atribui ao parque Itaimbé de Santa Maria/RS, e também, se o parque é considerado pelo frequentador como uma paisagem ou um lugar.

Os quadros 4 e 5 mostram o significados que os inquiridos atribui ao parque Itaimbé.

QUADRO 4: Significado do parque para os frequentadores do grupo A.

ENTREVISTADO DO GRUPO A	DISCURSO DOS ENTREVISTADOS DO GRUPO A
AA1	Valorização do espaço urbano, verde, saúde, natureza.
AA2	Desde o ano que vim morar nesta cidade sempre morei aqui no parque e procurei outros lugares dentro de Santa Maria que fosse agradável e não encontrei. Não troco por nada.
AB1	Ar puro, possibilidade de tomar sol, ver crianças brincando, adultos interagindo.
AB2	Além do lazer, possui local para caminhadas e diversões.
AC1	Local de treino, o parque é muito importante, nos utilizamos na totalidade.

Org.: CRUZ, Claudete Robalos da, 2009. Fonte: Trabalho de Campo.

QUADRO 5: Significado do parque para os Frequentadores do Grupo B.

ENTREVISTADOS DO GRUPO B	DISCURSO DOS ENTREVISTADOS DO GRUPO B
BA1	Lugar de descanso, retiro. Encontra todos os tipos de gente.
BA2	Ponto turístico, uma das vitrines da cidade.
BB1	Área de trabalho.
BB2	Área de Lazer.
BC1	Área que serviu para aproximar as pessoas.
BC2	Boa área de lazer possui estrutura para aproximar pessoas, exemplo, grupo terceira idade.
BC3	Não cumpre com a sua importância, que deveria ser local de lazer, a insegurança inibe o lazer.

Org.: CRUZ, Claudete Robalos da, 2009.

Fonte: Trabalho de Campo.

Em relação ao significado do parque para o espaço urbano da cidade de Santa Maria, os entrevistados foram unânimes em ressaltar a importância do parque como espaço verde, considerando que a presença da natureza valoriza o espaço urbano, e também por oferecer oportunidade de lazer aos moradores da cidade, como mostra o discurso dos entrevistados AA1, AB1, AB2, BA2, BB2, BC2.

As figuras 5 e 6, evidenciam a veracidade dessa constatação, mostra um dos locais mais frequentados pelo grupo A, é também, um dos mais limpos e conservados do parque, uma vez que, os moradores que residem nas imediações realizam jardinagem, até mesmo, algumas as árvores foram plantadas pelos moradores, e realizam também a pintura dos bancos.

FIGURA 5: Imagem do Parque Itaimbé entre a Rua Pinheiro Machado e Tuiuti



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

FIGURA 6: Imagem da execução de jardinagem no parque pelos moradores



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

No entanto, para cada indivíduo, cuja intencionalidade de ir ao parque atende a uma condição de satisfação particular e própria, o significado atribuído ao parque é variado.

Searle (apud Souza, 2006, p.32) explica que “crenças, percepções e lembranças têm direção de ajuste¹⁴ mente-mundo, porque seu objetivo não é representar a maneira como as coisas são, mas sim como gostaríamos que fossem ou como planejamos fazer que sejam.” A condição de satisfação¹⁵, por sua vez, é a condição de verdade.

Os estados intencionais têm necessidade de condições de satisfações. Esses estados são representados por crenças e desejos (direção de ajuste). A intencionalidade de cada um dos entrevistados apresenta uma direção de ajuste e uma condição de satisfação particular dependendo do estado intencional de cada indivíduo, do significado atribuído ao parque e das condições ambientais e sociais existentes no parque.

O discurso do entrevistado BC3 mostra que as condições sociais (falta de segurança) fazem com que a condição de satisfação do estado intencional do entrevistado em ir ao parque desfrutar do lazer com segurança não seja uma verdade. De acordo com o inquirido BC3 o parque “não cumpre com a sua importância, que deveria ser local de lazer, a insegurança inibe o lazer.” A condição satisfação que seria a execução do estado intencional de ir ao parque para desfrutar de lazer com segurança, não é uma verdade, a condição de execução dessa intenção não foi possível. Como afirma Searle (apud Souza, 2006, p.32) “a veracidade ou falsidade [...] designam êxito ou fracasso em efetuar uma direção de ajuste palavra-mundo, [ou mente-mundo].

Todavia, identificou-se em outros discursos condições de satisfação verdadeiras para a intencionalidade de ir ao parque desfrutar de momentos de lazer. A intencionalidade do entrevistado AB1, de ir ao parque em busca de lazer e encontrar “ar puro, possibilidade de tomar sol, ver crianças brincando, adultos interagindo”, sua condição de satisfação está correspondendo à execução do seu desejo.

Na perspectiva de Searle, pode-se afirmar também que, para o entrevistado AA2, o parque corresponde a sua condição de satisfação, isto é, a realidade e seu desejo em relação ao parque estão sendo verdadeiras. Fica evidente, também no discurso do AA2

¹⁴ “Crenças e hipóteses são ditas verdadeiras ou falsas dependendo se o mundo realmente é da maneira como a crença o representa. Por essa razão [...] as crenças têm a direção de ajuste mente-mundo.[...] ordens, desejos e intenções têm, por outro lado, uma direção de ajuste mundo-mente.”

¹⁵ “Condição de satisfação é a condição de execução de uma intenção, ele deve representar as coisas como são no mundo, deve traduzir a verdade”. (Searle apud Souza, 2006, p.32)

sua relação de pertencimento, apresentando elo efetivo que liga o frequentador ao parque. Tuan (1974) define o conceito topofilia (Tuan, 1980, p.105) como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”, para explicar essa relação ambiente e indivíduo. Observa-se que a afetividade direciona a percepção e a vinculação da pessoa com seu espaço através da emoção. Assim, o discurso do entrevistado AA2 registra que o parque significa um lugar, decorrente ao desenvolvimento do sentimento de afeição.

Já o entrevistado AA1 ressalta somente o significado do parque para o espaço urbano, não necessariamente com significância para si. Embora o discurso do entrevistado AA1, reconheça a importância do parque como um bem público, o parque é considerado apenas como uma paisagem, não havendo a manifestação no seu discurso de ligação afetiva com o ambiente do parque.

Com efeito, observou-se que para a maioria dos entrevistados, além do contato com a natureza, o parque oferece uma infra-estrutura que permite realização de diversas atividades relacionadas ao lazer, portanto, apresenta condições ambientais, sociais e de infra-estrutura que possibilitam a execução de seus estados intencionais em relação ao parque, devido a existência de quiosques com churrasqueiras, quadras de esportes e pracinhas, propiciam um local de sociabilidade, embora seja desfrutada por um grupo restrito de pessoas, mais por aquelas que residem em suas imediações.

Almeida (2007), ao realizar pesquisa sobre os sentimentos de topofolia e topofobia na paisagem urbana de Santa Maria/RS, constatou que os entrevistados que escolheram a paisagem do parque Itaimbé como sendo a mais agradável, residem no bairro ou em suas imediações do parque. Ressalta Almeida (2007, p.72) que “fica evidente, portanto, que são aqueles que a [paisagem do parque] tem como parte integrante de seu mundo vivido, do seu cotidiano e que certamente mais dele usufruem é que o elegeram a sua paisagem topofílica.”

As figuras 7, 8, 9, 10,11 e 12 registram a infra-estrutura existente no parque Itaimbé, assim como elementos da paisagem.

FIGURA 7: Imagem entre rua Pinheiro Machado e Tuiuti.



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

FIGURA 8: Quiosque entre a rua Pinheiro Machado e Avenida Dores



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

FIGURA 9: Quadras de esportes entre a rua Venâncio e a Silva Jardim



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

FIGURA10: Pracinha entre a rua Pinheiro Machado e Avenida Dores.



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

FIGURA 11: Pracinha entre a rua Tuiuti e Venâncio Aires



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

FIGURA 12: Pracinha entre a rua Silva Jardim e Hernesto Becker



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

Carlos apud (Almeida, 2007, p.36) explica que, na paisagem urbana pode-se observar dois elementos fundamentais: o espaço construído, imobilizado nas construções, e o movimento da vida, das pessoas, dos meios de circulação. Atualmente, com a expansão urbana, a carência de áreas verdes nas cidades é notável. E as poucas áreas verdes existentes têm servido tanto como espaço público destinado ao lazer, como também para valorizar os lotes residenciais nas suas proximidades.

O primeiro parque nacional no mundo, o de Yellowstone, criado no século XIX, foi o resultado de idéias preservacionistas que se tornavam importantes nos Estados Unidos. O primeiro parque nacional no Brasil foi criado em Itatiaia, em 1937, com propósito de incentivar pesquisas científicas e oferecer lazer as populações urbanas (Diegues, 2004). A expansão de parques nacionais no Brasil e no mundo foi bastante lenta, mas com a crescente intensificação dos problemas ambientais têm aumentado a criação de espaços públicos destinados ao lazer, assim como de reservas ecológicas, extrativistas, as quais servem como estratégias para conservação da natureza.

No entanto, é importante examinar o real motivo da criação dos parques urbanos. Garabini (apud Benaduce, 2006, p.5), questiona se, “[...] o espaço público destinado ao lazer, ao convívio social, isento de discriminação social, econômica e política seria mera intenção?” de acordo com ele “os parques urbanos já serviram aos reis, ao clero e à nobreza. Agora servem [os parques urbanos] de marketing cultural da corrida do pódio pela cidade com a melhor qualidade ambiental, aqui, ali e acolá.”

Nesse sentido, é importante salientar que, nos discursos dos entrevistados AA1, AA2, AC1, BA2 e BB1, foi possível identificar o conhecimento do valor atribuído ao parque Itaimbé, enquanto importante um lugar que propicia tranquilidade e bem-estar no âmbito individual, no entanto, não menciona -se acerca da função social inerente a esse espaço público. Klias (apud Benaduce, 2007, p.51) define parques urbanos, como “espaços públicos com dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, destinados à recreação.”

Assim, embora tenha sido possível reconhecer a relação topofílica que o ambiente do parque desperta, presentes nos discursos dos entrevistados AA1, AA2, BA2, BB1, é importante frisar o risco de uma visão baseada unicamente na subjetividade ou centrada no eu, pois, pode-se deixar de inserir o outro no contexto de significados para o “eu”. A respeito do risco que se alerta, é sobre aquele sujeito, que pode levar a considerar que, estando sua condição de satisfação individual sendo verdadeira não há necessidade de preocupar-se com o outro, com o social. Essa atitude leva o entrevistado AA2 especificamente, entender o parque como um bem que os moradores próximos e imediações têm o privilégio de desfrutar, embora o parque disponha de estrutura para várias atividades sociais e culturais. E também, o entrevistado BA2, ao ressaltar apenas a importância do parque como ponto turístico (entende-se por ponto turístico apenas local para visitação) para a cidade de Santa Maria, ficando evidente no seu discurso, a falta de conhecimento a respeito da função social do parque urbano aos cidadãos.

De acordo com Macedo & Sakata (apud Richter, 2008, p.54) “com o aumento da urbanização e a posterior escassez de áreas naturais para o lazer da população menos privilegiada, a partir da segunda metade do século XXI, o parque urbano tornou-se uma necessidade social”.

Ainda que possua predominância de elementos naturais, o parque urbano se integra na vida do frequentador da mesma forma que o comércio, a academia, a igreja. De acordo com Mohr (apud Benaduce, 2007, p.52) “os elementos naturais passam a ser elementos do espaço cultural organizado como parte integrante do meio urbano”, configurando na atitude do visitante de que

ele não está refugiado no meio natural, mas integrando o contingente de cidadãos que necessitam se encontrar, exercer sua cidadania de forma mais completa que nas atividades diárias, através da recreação, do aprimoramento cultural ou da qualificação de suas necessidades físicas. MOHR (apud BENADUCE, 2007, p.52)

A figura 13 permite inferir que o parque Itaimbé, apresenta uma função social semelhante das outras atividades comerciais do município.

FIGURA 13: Imagem do urbano e o natural



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

Percebeu-se que, no discurso, dos entrevistados do grupo B, cuja função do parque é considerada como área de trabalho, os membros desse grupo de entrevistados conhecem e mencionam a função do lazer, embora não desfrutem e considerem o lazer no parque como algo distante de si, como pode ser visto no discurso dos entrevistados do subgrupo BA1 “Lugar de descanso, retiro. Encontra todos os tipos de gente.” BA2 “Ponto turístico, uma das vitrines da cidade.”

Já os inquiridos do grupo A, desconhecem a função que o parque exerce para as pessoas que utilizam esse local como área de trabalho. Segundo TUAN (1974, p.12)

uma pessoa que simplesmente vê é um espectador, um observador, alguém que não está envolvido com a cena. O mundo é percebido através dos olhos é mais abstrato do que o conhecido por nós através dos outros sentidos. Os olhos exploram o campo visual e dele abstraem alguns objetos, pontos de interesse, perspectivas. Mas o gosto do limão, a textura de uma pele quente, e o som do farfalhar das folhas nos atingem como sensações. O campo visual é muito maior que o campo dos outros sentidos. Os objetos distantes somente podem ser vistos; por isso temos a tendência a considerar os objetos vistos como “distantes” – como não provocando nenhuma resposta emocional forte - , embora possam estar bem próximos de nós.

Para os inquiridos do grupo A, o parque faz parte de seu cotidiano, das suas experiências diárias, portanto, sua visão é de um ambiente agradável, topofílico. Já para os inquiridos do grupo B, o parque faz parte de seu cotidiano, porém, como local

de trabalho, representa o local onde executam suas obrigações, sua visão é de um ambiente agradável aos outros e não necessariamente para si, ou seja, o parque é um objeto distante, embora estejam próximos.

4.3 Percepção e Territorialidade no Parque Itaimbé

Os eixos temáticos e as questões norteadoras serviram de instrumento para análise do discurso. O eixo temático I – horários, locais e motivos – serviu para entender as motivações que levam os indivíduos a frequentarem o parque. O eixo temático II - relação ambiente e freqüentador – serviu para identificar o significado e a relação estabelecida entre o ambiente e o indivíduo; se há uma relação de afetividade ou de exploração, por exemplo. E, por fim, o eixo temático III – percepção do frequentador registrou a percepção que o indivíduo possuiu do ambiente em que está inserido. Observou-se que a manifestação dos aspectos naturais, artificiais e/ou humanos, salientados e apontados no item III, ocorreu de modo específico em cada entrevistado, sendo possível identificar, nas questões levantadas nos eixos I e II, as respostas e justificativas para tal particularidade.

Nestes termos, a territorialidade pode ser identificada tanto nas marcas simbólicas impressas na paisagem como no discurso dos sujeitos, que trazem, subjacente, um *background* pré-intencional que contribui para a construção de significados.

Searle (apud Souza, 2006, p.46) afirma que “o conteúdo semântico só funciona sobre um *background* que consiste em um saber prático cultural e biológico; é esse saber de *background* que nos permite entender os significados literais.” Isto é, a interpretação dos significados, dos símbolos imersos na paisagem ocorre por intermédio do *background*, e a partir daí é possível identificar através das percepções as motivações subjacentes que influenciam no processo de atribuição de significados a um determinado lugar pelos grupos sociais. Trata-se assim, abordar a percepção como configuração do objeto pela conduta. Nota-se que, é o *background* pré-intencional, que direciona a conduta dos indivíduos, sendo possível transformar uma conduta

inadequada e insustentável para uma conduta adequada a fim de mantermos nossa história de acoplamento estrutural. Os quadros 6, 7, 8 e 9 mostram como o ambiente do parque é percebido pelos grupos frequentadores.

QUADRO 6: Os sentimentos que o ambiente do parque desperta aos entrevistados do Grupo A .

ENTREVISTADOS DO GRUPO A	DISCURSO DOS ENTREVISTADOS DO GRUPO A
AA1	Como é o espaço verde central, costumo observar as mudanças das estações através da vegetação; das árvores principalmente. O sentimento em mim é de pertencimento.
AA2	Sensação de liberdade, de sossego. Oportunidade de privacidade, maior contato com a natureza, possibilita sair da rotina urbana da sensação de interiorização.
AB1	Depende do dia, quando está limpo da vontade de treinar e entrar em contato com o ambiente, às vezes, passa idéia de desleixo.
AB2	Ar puro, natureza, liberdade.
AC1	Sensação de lazer, descanso e tranqüilidade.

Org.: CRUZ, Claudete Robalos da, 2009. Fonte: Trabalho de Campo.

QUADRO 7: Os sentimentos que o ambiente do parque desperta para os entrevistados do Grupo B

ENTREVISTADOS DO GRUPO B	DISCURSO DOS ENTREVISTADOS DO GRUPO B
BA1	Sensação de bem-estar.
BA2	Sensação de descuido.
BB1	Sensação de contato com a natureza, o ar é diferente.
BB2	Sensação de medo, quando está calmo demais. E às vezes é bem agitado.
BC1	Sinto que é um local de boa convivência.
BC2	Sensação de insegurança.

Org.: CRUZ, Claudete Robalos da, 2009. Fonte: Trabalho de Campo.

De acordo com os entrevistados, o parque propicia sensação de bem-estar, portanto, ao ir ao parque, necessariamente para que a condição de satisfação se torne verídica, é elementar que o inquirido desfrute dessa sensação. Nesse sentido, pode-se afirmar que a condição de satisfação dos entrevistados do grupo A são verídicas.

Porém, observa-se que, no discurso dos entrevistados do grupo B, nem todos apresentam condição de execução de seus estados intencionais como mostra o discurso dos inquiridos BA2 “Sensação de descuido.”, BB2 “Sensação de medo, quando está calmo demais. E às vezes é bem agitado” e BC2 “Sensação de insegurança.” Presume-se que, ao frequentar o parque o estado intencional dos entrevistados BA2, BB2 e BC2, vise a execução de suas atividades de trabalho, no entanto, ao deparar-se com a sensação de descuido, de medo e de insegurança, não é possível a execução de seus estados intencionais, assim, a condição de satisfação não é verídica.

QUADRO 8: Percepção dos entrevistados do grupo A

ENTREVISTADOS DO GRUPO A	DISCURSO DOS ENTREVISTADOS DO GRUPO A
AA1	Bem preservado, hoje existe uma certa consciência ambiental. As pessoas sentem-se à vontade, fazem churrasco, jogam vôlei; serve para reuniões, grupos de estudos; pessoas de mais longe vêm trazem cadeiras e sentam-se aqui; dá para identificar o estilo das pessoas e o local onde elas ficam, o pessoal que frequenta o Macondo Bar, por exemplo, sempre estão em um determinado lugar. É o melhor lugar paisagístico de Santa Maria, possui diversas espécies de árvores. Semana passada vi uma turma de alunos com a Professora fazendo identificação de espécie de árvores.

AA2	Muitos frequentadores. Principalmente famílias levam seus filhos para brincar, e animais de estimação. Um lugar onde se juntam amigos para descontração, tomar chimarrão, etc. observo também, normalmente à noite pessoas usando o local para uso de drogas, mesmo com guardas municipais monitorando o ambiente isso ocorre com frequência.
AB1	Vejo muitos casais namorando, pessoas passeando com cachorros e gatos, amigos tomando mate, pessoas lendo ou estudando. Além disso, sábado à noite e domingo de manhã sempre tem pessoas fazendo churrasco em churrasqueiras portáteis.
AB2	Muitas pessoas fazendo caminhada, levando cães para passear e nos finais de semana famílias fazendo churrasco e grupos de jovens sentados ao sol tomando chimarrão.
AC1	Ficou descuidado pela Administração Municipal atual, e pelas pessoas que freqüentam também, observo pessoas se drogando e os guardas não interferem.

Org.: CRUZ, Claudete Robalos da, 2009.

Fonte: Trabalho de Campo.

QUADRO 9: Percepção dos entrevistados do grupo B.

ENTREVISTADOS DO GRUPO B	DISCURSO DOS ENTREVISTADOS DO GRUPO B
BA1	Muitas pessoas vêm descansar, passear.
BA2	A Prefeitura, o Restaurante.
BB1	Pessoas fazendo caminhada.
BB2	Muito namoro
BC1	Pessoas suspeitas
BC2	Muitas plantas, flores, as crianças jogando, se divertindo, amigos conversando e o pessoal que trabalha na varrição, varrendo.

BC3	Percebo passagens de presos, o que torna o lugar perigoso. Muita gurizada sai da aula – do Maneco- e ficam por ai. Muitos usuários de drogas. Coloquei cercado para inibir a entrada de pessoas que vinham se drogar aqui atrás do prédio. Como andamos a caráter – gaúcho- e com faca na cintura ajuda a inibi-los.
-----	--

Org.: CRUZ, Claudete Robalos da, 2009.

Fonte: Trabalho de Campo.

Considerando a percepção como a configuração do objeto pela conduta, é justificável que cada um dos entrevistados, apresentem percepções específicas em relação ao parque, em função de suas condutas distintas.

Para os entrevistados do subgrupo AA, para quem o parque significa local de passeio e descontração, suas percepções retratam o ambiente verde, a paisagem urbana, a tranquilidade que a paisagem urbana oferece ao seu bem-estar.

Para os entrevistados do subgrupo AB, para quem o parque significa lugar de treino, o inquirido percebe o parque, além de servir como suporte técnico para seus treinos, como um lugar de relaxamento e contato com a natureza.

Para os entrevistados do subgrupo AC, para quem o parque serve como local para prática de esportes tradicionais, sua percepção retrata o parque como um local de lazer e também serve para efetuar encontros sociais e o contato com a natureza.

Para os entrevistados do grupo B para quem o Parque é local de trabalho, especificamente BA1, BA2, BB1, BC1, BC2, os mesmos, percebem o parque como local onde as outras pessoas se divertem, não existindo sentimento de pertencimento, mas de obrigação em relação ao ambiente.

Notadamente, para os entrevistados dos subgrupos AA, AB e AC. o Parque é um lugar topofílico, pois existe um motivo específico que é encontrar bem-estar, isto é, busca-se a sensação de agradabilidade que o ambiente do parque desperta, sendo assim, possível criar vínculos afetivos, apresentando uma interação maior do que identificada pelo grupo B. O grupo B estabelece contatos diários com o ambiente do parque, porém sua escolha em frequentar o local não se deve exclusivamente ao ambiente do parque, mas em função do trabalho.

Conforme a constatação acima, se observa que o comportamento humano influencia muito mais o ambiente do que o ambiente o comportamento humano. A conduta direciona a percepção e a atitude ambiental dos indivíduos. Nota-se ainda, que a percepção é influenciada pelo significado, e cada um dos grupos estudados elegeram um lugar determinado do parque para frequentar, em virtude do significado que eles atribuem a esses lugares, que por sua vez, é influenciado pela identidade, pela conduta, firmando assim territorialidades distintas no parque.

Constatou-se que, a territorialidade do parque Itaimbé é caracterizada pelas identidades existentes, isto é, pela conduta e percepções das pessoas que o frequentam, e que, com o passar dos tempos, esse espaço geográfico tem sido palco de expressão de condutas distintas, como pode se observar no discurso do entrevistado BA1 que considera o parque como um “lugar de descanso, retiro. Encontra todos os tipos de gente”. O entrevistado afirma que o Parque Itaimbé Santa Maria/RS, além de servir como lugar de descanso, se constitui um lugar onde se observam as diferentes identidades presentes nessa área (“tipos de gente”), o que significa a presença de “tribos” “grupos” de frequentadores, identidades. Já o entrevistado AA2 (quadro 8) também se refere aos muitos frequentadores existentes no parque.

Essa constatação dos inquiridos BA1 e AA2 se justifica pelo fato da existência de distintas identidades que territorializam o espaço do parque de modo específico. Diante das territorialidades presentes no Parque Itaimbé, duas são visivelmente notadas, uma que é formada pelos membros do Grupo Tradicionalista (BC1) e outra, pelos praticantes de “*Le Parkour*” (AC3), como mostra as figuras 14, 15, 16 e 17. Esses subgrupos possuem visões de mundo, condutas, princípios peculiares, inclusive descritos de modo formal, conforme anexo B, o qual apresenta a Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho, composto de 29 princípios que regem o movimento e seus seguidores.

FIGURA 14: Imagem instalações do Movimento Tradicionalista Gaúcho



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

FIGURA 15: Identidade Gaúcha



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

Do mesmo modo, como os simpatizantes da identidade gaúcha afirmam sua identidade, e territorializam determinado lugar no parque, os praticantes de “*Le Parkour*” também salientam sua carga identitária própria, como descreveu o entrevistado AC1

existe uma afinidade instantânea entre os praticantes. Quando um praticante consegue vencer obstáculos todos comemoram. Os praticantes não fumam, não bebem. Tem toda uma filosofia com princípios que visam o amadurecimento do corpo e da mente. Cada praticante tem seu motivo para ingressar, é uma prática individual. Não há competições, é para desenvolver seus limites individuais, não é para ganhar medalhas (30/06/2009).

A figura 16 mostra o entrevistado realizando a prática de *le parkour* no parque Itaimbé de Santa Maria/RS. E a figura 17 mostra alguns dos equipamentos utilizados pelos praticantes.

FIGURA 16: Prática de *Le Parkour*



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

FIGURA17: Estruturas que viabilizam a prática do *Le Parkour*



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

Tuan (1974, p.6) ressalta que “nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente. A própria visão científica está ligada à cultura.” De modo que, enquanto os praticantes de “*Le parkour*” elogiam a infra-estrutura para exercício de sua prática, o integrante do Movimento Tradicionalista Gaúcho afirma que o parque não cumpre com sua função, pois a insegurança inibe o lazer.

Os quadros 10 e 11 mostram a percepção dos frequentadores em relação aos problemas ambientais e também relacionados à infra-estrutura do parque, assinalados pelos entrevistados.

QUADRO 10: Problemas ambientais e também relacionados a infra-estrutura do parque, assinalados pelos entrevistados do grupo A.

ENTREVISTADOS DO GRUPO A	DISCURSO DOS ENTREVISTADOS DO GRUPO A
AA1	Acho que a concha acústica poderia ser mais usada, foi restaurada e não é aproveitada, é um bom cenário para shows musicais e teatrais. Nem sempre está limpo. Falta segurança à noite.
AA2	O maior problema que observo é a falta de consciência com o meio ambiente, conservação da limpeza, recolhimento das fezes de animais. Mesmo assim, em frente onde moro, o espaço é bem freqüentado e conservado. À noite o maior problema é o uso para drogas.
AB1	O maior problema que ainda há é que é um bom lugar para viciados se drogarem sem serem pegos, e quando isso acontece muitas vezes destroem a iluminação e o município demora muito a consertar. Além disso, muitas vezes, há um desleixo com o cuidado do parque, tanto por parte do município, que demora a cortar a grama, por exemplo, como por parte dos frequentadores, que deixam lixo pela grama.
AB2	Carece de maior cuidado, vigilância e manutenção.
AC1	Vandalismo- bancos quebrados, pichação. Falta de manutenção dos brinquedos. Mais lixeiras deveria ter. Falta de apoio aos praticantes de “ <i>Le parkour</i> ”.

Org.: CRUZ, Claudete Robalos da, 2009.Fonte: Trabalho de Campo.

QUADRO 11: Os problemas ambientais e também relacionados a infra-estrutura do parque, assinalados pelos entrevistados do grupo B.

ENTREVISTADOS DO GRUPO B	DISCURSO DOS ENTREVISTADOS DO GRUPO B
BA1	Não tem problemas.
BA2	Tudo bem, sem problemas.
BA3	Precisa ser mais cuidado, mais segurança, mais sinalizado, pintado e melhorar a iluminação.
BB1	O parque precisa ser mais cuidado.
BB2	Moradores de rua ficam neste local, e pessoas mal-intencionadas.
BC1	Melhorou muito. Melhorou a questão do policiamento. Em relação à estrutura do Parque, precisa conscientizar os moradores próximos para fazer a coleta da água de modo correto, para evitar alagamento da área do Parque.
BC2	Falta de segurança
BC3	Falta de controle, segurança e cuidado.

Org.: CRUZ, Claudete Robalos da, 2009.

Fonte: Trabalho de Campo.

Observou-se que a percepção influencia na constatação dos problemas ambientais existentes no parque. Os entrevistados que utilizam o espaço do parque a fim do lazer, especificamente os entrevistados do grupo A, que possuem uma visão mais glamurosa e romântica em relação ao parque, nos seus discursos, apontaram problemas ambientais, tais como: lixo, fezes de animais, grama alta. Nota-se que, tais impactos ambientais são constatados quando o fato é evidente, quando se torna desagradável aos seus olhos visualizar objetos jogados no seu local de divertimento e descontração. Isto faz com que os mesmos não se sintam bem diante da presença de lixos jogados ao chão, como descreve o inquirido AB1: “quando está limpo da vontade de treinar e entrar em contato com o ambiente, às vezes, passa idéia de desleixo”.

Já os entrevistados que frequentam o parque em razão do trabalho (grupo B), que não dependem do seu humor ou das condições do parque para freqüentá-lo, a constatação dos problemas ambientais ocorre de modo mais realista, e, inclusive, mencionam os problemas ambientais com certa indignação, embora alguns entrevistados não os percebem, como os entrevistados BA1, BA2. Essa falta de percepção dos problemas ambientais, acredita-se que se deve ao fato de que os entrevistados BA1 e BA2 são responsáveis pela varrição do parque, sendo então compreensível que não considerem lixo jogado no chão como um problema ambiental.

Constatou-se, no entanto, que os entrevistados do grupo B, expressam a existência problemas ambientais com certa indignação, haja vista que, os alagamentos dificultam seus trabalhos no dia-a-dia. Nas figuras 18, 19, 20 e 21 é possível identificar alguns problemas ambientais e a precariedade da conservação da infra-estrutura do parque.

FIGURA 18: Imagem de área de recreação em condições precárias.



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

FIGURA 19: Imagem de alagamento no Calçamento do parque.



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

FIGURA 20: Imagem de pichações na Concha Acústica



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

FIGURA 21: Imagem de vandalismo no parque



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

Assim como em Santa Maria, as cidades, no geral, possuem seus espaços públicos destinados ao lazer. Porém, a maioria desses espaços encontram-se em condições precárias, sem manutenção e cuidados necessários para manter a estética e uma paisagem apreciável. Da Matta (1996) afirma que a identidade do brasileiro contém mais valores da vida privada que da vida pública, diferentemente de outras nações, onde a coisa pública é mais valorizada e próxima do cidadão.

Em relação ao problema da falta de segurança, as figuras 22, 23 e 24 apresentam a área de maior periculosidade para os frequentadores, que compreende a área entre a rua Venâncio Aires e a rua Hernesto Becker, sendo assim considerada uma das mais perigosas do parque, visto que, à direita dessa área estão presentes entidades, clubes de terceira idade, Movimento Tradicionalista, e a existência de quadras esportivas, o que torna o local mais isolado, e principalmente à noite, quando a circulação de pessoas é reduzida. Como observa o entrevistado BC3: “percebo passagens de presos¹⁶, o que torna o lugar perigoso.”

FIGURA 22: Imagem do parque entre Silva Jardim e Hernesto Becker



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

¹⁶ As pessoas que estão em regime semi-aberto passam por esse local à noite para retornar ao presídio da cidade e pela manhã quando retornam para suas casas.

FIGURA 23: Imagem do SESC- localizado entre Silva e Hernesto Becker



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

FIGURA 24: Quadras esportivas entre Venâncio e Silva Jardim



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

Constatou-se, assim, que o parque além de apresentar uma infra-estrutura que favorece aos seus frequentadores momentos de sociabilidade, também a sua área verde oferece sensação de afeição. No entanto, a tranquilidade nem sempre é uma constante, haja vista que, a falta de segurança inibe as pessoas de desfrutarem melhor dessa área sejam para fins de lazer ou de trabalho. A sensação de afeição nem sempre

ocorre em função da falta de manutenção, iluminação e cuidados essenciais para manter um ambiente agradável, como pode ser verificado no discurso dos entrevistados nos quadros 10 e 11.

Salienta-se também que as instalações que abrigam os trabalhadores responsáveis pela varrição são precárias. Como mostra as figuras 25 e 26.

FIGURA 25: Imagem instalação da Equipe de Varrição



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

FIGURA 26: Imagem instalação Equipe de Varrição.



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

As instalações que servem de local para encontros dos grupos de Terceira Idade também demonstram descuidos e falta de manutenção, como mostra a figura 27.

FIGURA 27: Imagem instalações do Grupo Terceira Idade.



Autora: CRUZ, Claudete Robalos da, junho de 2009.

Observa-se nitidamente que o parque Itaimbé de Santa Maria/RS carece de cuidados. É notável a falta de cuidado, seja em relação à infra-estrutura presente nesse espaço, ou em relação ao ambiente do parque. É urgente e necessário o comprometimento com o bem público, seja por parte do frequentador ou do poder público. Essa falta de comprometimento dos frequentadores e do poder público, leva a uma desvalorização do ambiente público e a atitude ambiental é nula, pois além do descuido com a infra-estrutura, não há um sentimento de zelo pelo ambiente do parque.

No entanto, salienta-se que, no geral, as percepções dos entrevistados manifestaram uma relação superficial com ambiente. O contato com o parque ocorre em função da intencionalidade do sujeito, porém, a apreciação do ambiente ocorre por conta da sensibilidade do indivíduo, e o que foi notado é que a sensibilidade em relação às questões ambientais ainda é muito rasa, superficial. Talvez, essa sensibilidade esteja adormecida em razão da ênfase atribuída ao progresso, ao desenvolvimento, à tecnologia.

Contudo, é importante despertar uma atitude ambiental consciente, pois, ser humano nenhum pode negar sua condição humana, sua condição biológica e sua parte integrante da natureza. Daí a importância da perspectiva fenomenológica na Geografia, ao buscar, no mundo vivido, o sentido e o significado dos fenômenos, e é, no mundo vivido, no ambiente que estamos inseridos, que se constrói a atitude ambiental (Tuan, 1980).

A conduta do indivíduo em interação com o meio manifestará uma atividade perceptiva particular e própria do sujeito, que através da atividade cognitiva oferece uma representação do ambiente como resultado de toda sua história de acoplamento estrutural. Sendo assim, as investigações sobre as atividades perceptivas dos indivíduos constituem-se em um valioso e importante instrumento para o planejamento das ações humanas, visando à efetivação do planejamento local participativo.

Embora, a conduta do sujeito seja influenciada pelas distintas identidades e perspectivas, que vai configurar diferentes modos de proceder no contexto social, no que se refere ao meio ambiente, todas as condutas devem ressaltar a adoção de estados intencionais que buscam por uma conduta ecológica para se exprimir em atos intencionais ambientalmente sustentável.

Nesse sentido, a mudança que se deve esperar nos tempos atuais, é uma mudança que direcione a conduta humana para construção de territorialidades, que valorizem os recursos ambientais e sociais, isso significa dizer que o lugar deve ser uma escolha baseada na intencionalidade. E ainda, que essa intencionalidade nos leve de um agora insustentável para um futuro sustentável, de uma percepção demasiadamente inconsciente e fragmentada acerca do ambiente, para uma percepção global e consciente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

No estudo aqui apresentado, buscou-se entender a territorialidade do Parque Itaimbé em Santa Maria/RS, a partir da percepção dos seus frequentadores com base no conceito de percepção, de Maturana (1995) e nos aportes teóricos da Fenomenologia e metodológico, da Análise do Discurso. Acredita-se que a perspectiva metodológica da análise do discurso e a abordagem da percepção como configuração do objeto pela conduta (Maturana, 1995) servirá de subsídios para estudos futuros, que estiverem empenhados em considerar os elementos subjetivos para compreender e explicar a relação entre homem e o meio, assim como para estudos sobre o entendimento da configuração de territorialidades.

A investigação teve como base o estudo a percepção como configuração do objeto pela conduta humana, e a análise do significado atribuído ao lugar, haja vista que, no lugar é que se constrói o território. Essas categorias geográficas revelam os estados, atos intencionais, a percepção e a intencionalidade, a identidade e a cultura dos indivíduos. No lugar se identificaram territorialidades, em virtude do parque apresentar condições de satisfação verdadeiras para o sujeito, caso contrário, ocorre a desterritorialização.¹⁷

Assim, explicar a territorialidade como função da conduta, implicou em estudar os estados intencionais e o *background* pré-intencional dos indivíduos, a fim de identificar suas percepções, para entender o contexto social, econômico, político, ambiental em que o indivíduo está inserido. A ferramenta metodológica da análise do discurso é importante e fundamental nos estudos dessa natureza, pois possibilita coletar e também informa através da linguagem, os estados intencionais e percepções dos indivíduos, isto é, permite exprimir como o indivíduo está sendo agora no mundo e num lugar específico.

Com o desenvolvimento da pesquisa, verificou-se que a territorialidade do parque Itaimbé é caracterizada essencialmente pela conduta, pelas identidades

¹⁷ ““desterritorialização” é um termo para o deslocamento de identidades, pessoas e significados que é endêmico ao sistema do mundo pós-moderno.” (Caplan apud Haesbaert, 2007, p.220).

existentes adotadas pelas pessoas que ali frequentam, que, com o passar dos tempos apropriaram-se desse espaço geográfico para expressar-se enquanto sujeitos. Constatou-se que, para a maioria dos frequentadores a condição de satisfação se realiza, enquanto que para alguns frequentadores isso não ocorre, em razão da falta de segurança.

Os resultados da pesquisas permitiram explicar e entender o processo de formação de territorialidade no parque Itaimbé, e também foi possível identificar, no parque, os locais considerados mais perigosos em relação à presença de usuários de drogas e a inexistência de segurança, que foram apontados pelos entrevistados como a área que compreende entre a rua Venâncio Aires e a rua Hernesto Becker.

Em relação aos descuidos ambientais no parque, foram apontados os seguintes problemas: a falta de consciência ambiental dos usuários que ao utilizarem o espaço do parque não demonstram preocupação com os resíduos que são deixados no chão; a insuficiência de lixeiras nesse local; o descuido das pessoas que levam seus cães para passear em relação à higiene dos animais; a falta de pintura, iluminação e manutenção da estrutura do parque por parte da prefeitura.

Diante da constatação desses problemas citados, a condição de satisfação de ir ao parque a fim de encontrar lazer em um ambiente saudável se torna questionável. No entanto, a inteligência e a intencionalidade devem assegurar condições que sejam adequadas a uma vida e um ambiente saudável, e aí pode-se considerar que a humanidade estaria agindo com sabedoria e com amor aos humanos, ao meio ambiente e as gerações futuras. Como enfatiza também, Maturana (1998, p.23) “O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social”. Assim, uma mente sadia, associada ao, amor será capaz de produzir uma ciência com consciência (Morin,1982) e um conhecimento prudente para uma vida decente (Santos, 1989).

No decorrer dos tempos, apesar da separação da mente do corpo, sujeito do objeto, emoção da razão, a razão instrumental reforçou o poder da mente, sem considerar o poder da vontade, dos aspectos subjetivos que constitui o ser humano. Todavia, a associação entre mente e subjetividade humana é necessária para sairmos

de uma mentalidade de mudanças (ora defendemos o socialismo, ora capitalismo, ora Deus, ora a mente) para uma mudança de mentalidade, do agir consciente respeitando os limites e as potencialidades da nossa condição humana e do meio ambiente.

Desse modo, sugere-se que os estudos acerca do território, lugar, paisagem e espaço geográfico, considerem os aspectos subjetivos como fonte de conhecimento, e a percepção como configuração do objeto pela conduta e não como mera representação dos objetos perceptivos.

A respeito de políticas públicas, sugere-se, a re-utilização dos prédios que estão em desuso para a implantação de biblioteca, utilização da concha acústica como área para eventos de caráter social, incluindo assim novas funções no parque. Assim como manutenção da infra-estrutura geral do parque, distribuição de lixeiras em toda extensão do parque, conservação da iluminação, manutenção dos banheiros e ampliação da vigilância.

Por fim, considera-se que tanto a metodologia utilizada para a coleta e análise dos dados como as bibliografias consultadas satisfizeram os objetivos propostos, pois os resultados obtidos estão em consonância com as colocações teóricas expostas na fundamentação teórica e nos procedimentos metodológicos deste trabalho.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS CONSULTADAS

ALMEIDA, Alcionir Pazatto. **A Percepção da Paisagem Urbana de Santa Maria/RS e os sentimentos de tofília e tofobia de seus moradores.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFSM, 2007.

BASTOS, Luiz Paulo da Moita e BASTOS, Liliana Cabral. (Org) **Identities: recortes multi e interdisciplinares.** Campinas SP: Mercado de Letras, 2002.

BENADUCE, Maria Isabel . **Parque Itaimbé- Santa Maria/RS: Gênese de um espaço público/privado.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFSM, 2007.

BERTIN, Marta. **A percepção dos ambientes antrópico e natural dos professores do Ensino Fundamental de Foz do Iguaçu- PR.** Programa de Pós-Graduação em Especialização em Educação Ambiental, UFSM, Santa Maria, 2001.

BRANDÃO, Dênis M. S. **O novo paradigma holístico: Ciência, filosofia, arte e mística.** São Paulo: Summus, 1991.

CRUZ, Claudete Robalos da. **Educação Ambiental Crítica : Contribuições para uma Mente e um sistema sócio-econômico menos degradante.** In Revista Educação Ambiental em Ação. Nº27, 2009. Disponível em <http://www.revistaeea.org/artigo.php?idartigo=673&class=02>.

_____. **Educação Ambiental: Contribuições de Maturana na constituição de estados e atos intencionais ecológicos e humanistas.** In Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM. Santa Maria, v1, n1, pg 33 a 42, Outubro de 2009.

CHASSOT, Attico. **A ciência através dos tempos.** São Paulo: Moderna, 2004.

COULTHARD, Carmem Rosa Caldas (org). **Desvendando Discursos: conceitos básicos.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

DA MATTA, Roberto. **Entrevista: Antropologia da preguiça.** Isto É (1415): 13/11/96. Cortez, 1996.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo: Hucitec, 2004.

EVANGELISTA, Helio de Araujo. **Geografias moderna e pós-moderna: os debates recentes.** Boletim do Grupo de Estudos Geopolíticos nº2/ano 2. Departamento de Geografia UFF, março de 1997.

GARDNER, Howard. **A Nova Ciência da Mente: Uma história da Revolução Cognitiva**. Tradução de Cláudia Caon. São Paulo: USP, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. . 7ª ed. Rio de Janeiro: DP &A. 2003.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade Européia e a Filosofia**. Tradução: Urbano Zilles. Porto Alegre: PUCRS, 1996.

KOZEL, Salette (org). **Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

LEFF, Henrique. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 2ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

LEFF, E. (Coord.). **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003.

LEFF, Henrique. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 2ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

LOPES, A. **Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: A construção da diferença”** in SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998.

MACHADO, Mônica S. **Geografia e Epistemologia: Um passeio pelos conceitos de espaço, território e territorialidade**. In Revista de Geografia –UERJ, n1, 17-30, Dezembro de 2007.

MANCE, Euclides André. **Subjetividade, Imaginários e Utopias**. In Semana Social da CNBB .Curitiba, maio de 1994

MATURANA, R. Humberto/Varela, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. São Paulo: Psy, 1995.

MATURANA, Humberto. **A ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

_____. **De máquinas e seres vivos: autopoiese- a organização do vivo**. Porto alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. **Da Biologia à psicologia**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MESQUITA, Zilá e BRANDÃO, Carlos R. **Territórios do cotidiano: Uma introdução a novos olhares e experiências**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1995.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Europa-América Ltda, 1982.

_____. **A cabeça Bem-Feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

NOVO, M. **El desarrollo sostenible, su dimensión ambiental y educativa**. Madrid: Pearson/Unesco, 2006.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação**. São Paulo: Mackenzie, 2002.

OLIVEIRA, Livia de. **Estudo Metodológico e cognitivo da Mapa**. Rio Claro: UNESP, 1977.

OLIVO, Vânia M. Fighera. **A natureza discursiva da constituição do Campo de Desenvolvimento da Quarta Colônia-RS**, 2006.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez. 1995.

RICHTER, Elenir Maria. **Percepção ambiental do Parque Urbano Integrado Elso Pilau, Município de Giruã - RS**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia UFRGS, 2008.

RUMJANCK, Franklin. **O Sensato e o insensato**. In *Ciência Hoje*. Revista de Divulgação científica da SBPC, n 250, vol 42, julho de 2008.

SANTOS, B. de Sousa. **Introdução a uma ciência pós –moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, Milton. **Território: Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. **Metamorfose do espaço Habitado**.

SEARLE, John R. **Intencionalidade**. Produção Julio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Mente, linguagem e sociedade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SIQUEIRA, Holgonsi S. G. **Pós modernidade, política e educação. Condição pós – moderna e suas implicações na construção de uma educação pós moderna**

crítica. Tese de doutorado. Programa de Pós Graduação em Educação, Santa Maria, 2003.

SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado.** Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998.

SOUZA, Elisa R. **Educação Ambiental no Curso de Graduação em Zootecnia: Situação Atual e Perspectivas.** Monografia de Especialização. Curso de Especialização em Educação Ambiental. Centro de Ciências Rurais. Universidade Federal de Santa Maria, 2003.

SOUZA, Bernardo Sayão Penna e. **Considerações acerca da percepção e da cognição no mapeamento geomorfológico.** Pós-Doutorado. Departamento de Geografia/FFLCH/USP. São Paulo, abril de 2006.

_____. **A qualidade da água de Santa Maria/RS. Uma análise ambiental das sub bacias hidrográficas dos rios Ibicuí Mirim e Vacacaí Mirim.** Tese Doutorado. FFLCH/USP. São Paulo, 2001.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações Sociais.** Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.

SCHLICHTING, Homero Alves. **A Biologia do Amor e Biologia do Conhecimento de Humberto Maturana: contribuições à formação de professores e à educação ambiental.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Educação, UFSM, 2007.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: Perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia.** São Paulo: Global, 2004.

STONE, Michael K. **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável.** São Paulo: Cultrix, 2006.

SPOSITO, Eliseu S. **A propósito dos paradigmas de orientações teórico-metodológicas na Geografia contemporânea.** In Terra Livre. São Paulo, n16, p.99-112, Junho de 2001.

TOMAZETTI, Elisete. Et alli. **Racionalidade, Educação e Gestão Ambiental.** In Revista Redes. Santa Cruz do Sul, n2, v3, p.45-65, Dezembro de 1998.

TUAN, Yi –Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1974.

VARELA, F; THOMPSON, E & ROSCH, E. **A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana.** Tradução Maria Rita Secco. Porto Alegre: Artemed, 2003.

VASCONCELLOS, Maria J. E de. **Pensamento Sistêmico: O novo paradigma da ciência.** Campinas/SP: Papyrus, 2002.

VITTE, Antônio C. (org). **Reflexões sobre a Geografia Física no Brasil.** Bertrand do Brasil, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A- FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES

SEXO () M () F

Idade: _____

Tempo de Residência em Santa Maria: _____

Bairro em que morra: _____

Morador Próximo () Freqüentador ()

Grau de Escolaridade

() Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Fundamental completo

() Ensino Médio Incompleto () Ensino Médio Completo

() Ensino Superior Incompleto () Ensino superior Completo

APÊNDICE B- EIXOS TEMÁTICOS ORIENTADORES DA ENTREVISTA AOS FREQUENTADORES DO PARQUE ITAIMBÉ

I- HORÁRIO, MOTIVOS E LOCAL ESPECIFICO NO PARQUE ESCOLHIDO PARA FREQUENTAR:

- a) Quais os dias e horários ou meses do ano você frequenta o espaço do Parque?
- b) Qual local do Parque você mantém assiduidade na frequência? Por que?

II- RELAÇÃO FREQUENTADOR E AMBIENTE DO PARQUE

- a) O ambiente do Parque desperta em você, quais sensações ou sentimentos?
- b) O que o Parque Itaimbé significa para você?

III-A PERCEPÇÃO DO FREQUENTADOR

- a) Relate o que você observa no Parque nos momentos em que você frequenta? Descreva os acontecimentos que você observa no seu entorno, enquanto frequentador?
- b) Você considera que este ambiente está de acordo com suas expectativas?

APÊNDICE C- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO- TCLE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
CURSO DE GEOGRAFIA
DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM GEOGRAFIA
RESPONSÁVEIS PELA ATIVIDADE: Prof. BERNARDO SAYÃO PENNA E SOUZA E
CLAUDETE DA CRUZ

PROJETO: PERCEPÇÃO E TERRITORIALIDADE NO PARQUE ITAIMBÉ- SANTA MARIA/RS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO- TCLE

Você está sendo convidado para participar da pesquisa referente ao **PROJETO PERCEPÇÃO E TERRITORIALIDADE NO PARQUE ITAIMBÉ-SANTA MARIA/RS**. Você foi selecionado através de cálculo do tamanho da amostra e sua participação não é obrigatória.

A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Sua participação nesta pesquisa consistirá somente em responder um questionário semi-estruturado.

Os benefícios relacionados com a sua participação estão relacionados com a possibilidade de entender o processo de apropriação do espaço do Parque a partir das percepções dos frequentadores.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL

Nome: Bernardo Sayão Penna e Souza/Claudete da Cruz

Assinatura: UFSM/CCNE/DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

Endereço: Avenida Itaimbé, 536. 97050-330 Santa Maria-RS. Telefone 3220 9447

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Santa Maria, _____ de _____ de 2009.

Entrevistado

ANEXOS

ANEXO A- CARTA DE PRINCÍPIOS DO MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO

Título I
DA ENTIDADE, SUA CONSTITUIÇÃO E SEUS FINS
Capítulo I
DE DENOMINAÇÃO, FINS, SEDE, FORO E DURAÇÃO

Art 1º O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, identificado também pela sigla MTG e inscrito no Cartório de Títulos e Documentos em 27 de novembro de 1967, às folhas 12 verso, sob o número de ordem 4436, Livro A, n º 8, é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, com jurisdição em todo o território nacional, com número ilimitado de sócios, indicados sob a denominação de filiados, e com duração indeterminada, constituindo-se na Federação dos Centros de Tradições Gaúchas e entidades afins.

Art 2 º- O MTG tem por objetivo congregar os Centros de Tradições Gaúchas e entidades afins e preservar o núcleo da formação gaúcha e a filosofia do movimento tradicionalista, decorrente da sua Carta de Princípios e expressa nas decisões dos Congressos Tradicionalistas.

Parágrafo único- A “Carta de Princípios”, aprovada no VIII Congresso Tradicionalista Gaúcho, é cláusula pétrea deste Estatuto e fixa os seguintes objetivos:

- I- Auxiliar o Estado na solução dos seus problemas fundamentais e na conquista do bem coletivo;
- II- Cultuar e difundir nossa História, nossa formação social, nosso folclore, enfim, nossa Tradição, como substância basilar da nacionalidade.
- III- Promover, no meio do nosso povo, uma retomada de consciência dos valores morais do gaúcho.
- IV- Facilitar e cooperar com a evolução e o progresso, buscando a harmonia social, criando a consciência do valor coletivo, combatendo o enfraquecimento da cultura comum e a desagregação que daí resulta.

- V- Criar barreiras aos fatores e idéias que nos vem pelos veículos normais de propaganda e que sejam diametralmente opostos ou antagônicos aos costumes e pendores naturais do nosso povo.
- VI- Preservar o nosso patrimônio sociológico representando, principalmente, pelo linguajar, vestimenta, arte culinária, forma de lides e artes populares.
- VII- Fazer de cada CTG um núcleo transmissor da herança social e através da prática e divulgação dos hábitos locais, noção de valores, princípios morais, reações emocionais, etc.; criar em nossos grupos sociais uma unidade psicológica, com modos de agir e pensar coletivamente, valorizando e ajustando o homem ao meio, para a reação em conjunto frente aos problemas comuns.
- VIII- Estimular e incentivar o processo aculturativo do elemento imigrante e seus descendentes.
- IX- Lutar pelos direitos humanos de Liberdade, Igualdade e Humanidade.
- X- Respeitar e fazer respeitar seus postulados iniciais, que têm como característica essencial a absoluta independência de sectarismos político, religioso e racial.
- XI- Acatar e respeitar as leis e os poderes públicos legalmente constituídos, enquanto se mantiverem dentro dos princípios do regime democrático vigente.
- XII- Evitar todas as formas de vaidade e personalismo que buscam no Movimento Tradicionalista veículo para projeção em proveito próprio.
- XIII- Evitar toda e qualquer manifestação individual ou coletiva, movida por interesses subterrâneos de natureza política, religiosa e financeira.
- XIV- Evitar atitudes pessoais ou coletivas que deslustrem e venham em detrimento dos princípios da formação moral do gaúcho.
- XV- Evitar que núcleos tradicionalistas adotem nomes de pessoas vivas.
- XVI- Repudiar todas as manifestações e formas negativas de exploração direta ou indireta do Movimento Tradicionalista.
- XVII- Prestigiar e estimular quaisquer iniciativas que, sincera e honestamente, queiram perseguir objetivos correlatos com os do tradicionalismo.
- XVIII- Incentivar, em todas as formas de divulgação e propaganda, o uso sadio dos autênticos motivos regionais.

- XIX- Influir na literatura, antes clássicas e populares e outras formas de expressão espiritual de nossa gente, no sentido de que se voltem, para os temas nativistas.
- XX- Zelar pela pureza e fidelidade dos nossos costumes autênticos, combatendo todas as manifestações individuais ou coletivas, que artificializem ou descaracterizem as nossas coisas tradicionais.
- XXI- Estimular e amparar as células que fazem parte de seu organismo social.
- XXII- Procurar penetrar e atuar nas instituições públicas e privadas, principalmente nos colégios e no seio do povo, buscando conquistar para o Movimento Tradicionalista Gaúcho a boa vontade e a participação dos representantes de todas as classes e profissões dignas.
- XXIII- Comemorar e respeitar as datas, efemérides e vultos nacionais e, particularmente o dia 20 de Setembro, como data máxima do Rio Grande do Sul.
- XXIV- Lutar para que seja instituído, oficialmente, o Dia do Gaúcho, em paridade de condições com o Dia do Colono e outros “Dias” respeitados publicamente.
- XXV- Pugnar pela independência psicológica e ideológica do nosso povo.
- XXVI- Revalidar e reafirmar os valores fundamentais da nossa formação, apontando às novas gerações rumos definidos de cultura, civismo e nacionalidade.
- XXVII- Procurar o despertar da consciência para o espírito cívico de unidade e amor à Pátria.
- XXVIII- Pugnar pela fraternidade e maior aproximação dos povos americanos.
- XXIX- Buscar, finalmente, a conquista de um estágio de força social que lhe dê ressonância nos Poderes Públicos e nas Classes Rio-grandenses para atuar real, poderosa e eficientemente, no levantamento dos padrões de moral e de vida do nosso Estado, rumando, fortalecido, para o campo e homem rural, suas raízes primordiais, cumprindo, assim, sua alta destinação histórica em nossa Pátria.
- Art 3º - compete, ainda, ao MTG, preservar as expressões “Movimento Tradicionalista Gaúcho” e “Centro de Tradições Gaúchas”, bem como as siglas “MTG” e “CTG”, evitando o uso inadequado das mesmas e a sua utilização na denominação de entidades não identificadas com os objetivos do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Art 4^o- É vedado ao MTG e entidades filiadas vincular-se a qualquer atividade político-partidária ou religiosa, assim como estabelecer distinção entre seus membros por questões de raça, credo ou posição social.

Art 5^o- O MTG tem sede e foro jurídico na cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul.

Fonte: Movimento Tradicionalista Gaúcho. 13^a Região Tradicionalista. Santa Maria/RS.

ANEXO B- PRINCÍPIOS DOS PRATICANTES DE *PARKOUR*

Filosofia do *Parkour*

Parkour - é basicamente o método natural de treinar o corpo para se tornar capaz de se mover adiante com agilidade, fazendo uso dos obstáculos que estão a nossa volta o tempo todo. A Arte do movimento não necessita de nenhuma estrutura ou acessórios, seu corpo é sua única ferramenta. O *Parkour* é uma disciplina atlética acessível a todos, por que combina capacidades naturais do corpo humano: correr, saltar, escalar. É um esporte que permite explorar todo potencial do seu corpo. Tudo é uma questão de enfrentar os obstáculos que são apresentados sendo eles naturais, ou ambientes urbanos procurando movimentos que combinem eficiência e controle. O equipamento necessário é simplesmente uma camiseta, uma calça bem leve, e um par de tênis.

"C'est comme si votre corps avait toujours été en pilotage automatique et que vous découvriez soudain que vous êtes capable de le piloter vous même"
"É como se seu corpo estivesse ficado sempre no piloto automático, ai você descobre pela primeira vez que é capaz de controlá-lo".

O Fundamento principal é de um homem que corre, e que nada o faz parar. *Parkour* é um esporte completo pelo conjunto mental que inspira os praticantes, tanto quanto pelas diversas capacidades que desenvolve. é uma disciplina difícil de ser treinada, pois continuamente testa os limites de cada praticante. é tudo uma questão de saber se está preparado para manter os limites existentes, ou se esta preparado para empurrar os limites o máximo possível.

Acessível a todos com 15 anos ou mais (que precisam de desenvolvimento físico), *parkour* torna possível desenvolver a forma física e coordenação enquanto desenvolve força de vontade, determinação, motivação, força, resistência e coragem: qualidades essenciais na vida! Educando e informando pessoas jovens que estão ávidas por novas experiências. *Parkour* é muito mais que um esporte. é um estilo de

vida, o caminho para "se achar" e mesmo; aprender a controlar seu próprio corpo. que se torna mais forte, e vencer como enfrentar obstáculos mentais não apenas os físicos. Uma palavra de cuidado: Certas pessoas que acham saber muito sobre suas próprias capacidades físicas, ou que não tem consciência dos riscos, frequentemente são submetidas a vários acidentes, e ate mesmo sérios ferimentos.

No *Parkour* o conjunto mental é combinado ao controle e poder do corpo e do espírito. É ridículo procurar liberdade e acabar quebrado numa cadeira de rodas. Prudência!

Uma vez também pode-se sugerir que um Traceur (praticante de *parkour*) é um ótimo praticante de outras atividades esportivas que necessitam cabeça fria, agilidade, força, auto-controle e a capacidade de ser observador e muitas outras qualidades são desenvolvidas num Traceur, quando ele pratica "L'Art du Deplacement" para usar o termo em francês. O Motivo o qual o *parkour* é um esporte completo. Necessita muitas capacidades do corpo humano ao mesmo tempo, requer uma absoluta concentração que seria num efeito 3D- Avaliação de distancia, avaliação de capacidade, e avaliação de risco.

A Popularização do Parkour

Em meados de 1997, David Belle gravou algumas matérias pra TV francesa e propagandas mostrando o que ele e seus seguidores eram capazes de fazer com o corpo e foi assim, devagar, que o esporte começou a se dissipar pelo mundo. Em 2003 um documentário exibido pelo Discovery Channel chamado Jump London fez com que o *Parkour*, denominado por *freerunning* pela imprensa, crescesse ainda mais na Europa e se expandisse pra outros países. Assim um grupo de praticantes ingleses conhecidos como Seidojin fundaram um site de discussão sobre o esporte: o UrbanFreeFlow. Muita polêmica e discussões então começaram a surgir, pois eles começaram integrar ao esporte novos movimentos como flips (mortais) e spins (giros) que não faziam parte do *Parkour* puro. Então os Seidojin deixaram a filosofia de lado e criaram o FreeStyle *Parkour* (FRPK) onde qualquer tipo de movimento é aceito mesmo não tendo algum tipo de "objetivo final" e mais discussões surgiram e surgem até hoje.

Algum tempo depois mais um documentário, também exibido pelo Discovery, unindo traceurs franceses e o pessoal do UrbanFreeFlow foi ao ar, este então chamado Jump Britain. Nessas proporções o esporte não parava de crescer, até que este ano estreou no cinema e nas locadoras o filme 13º Distrito (Banlieue 13) estrelado por Cyril Raffaelli (perito em artes marciais) e David Belle, onde muitas cenas exploram a habilidade do Parkour fazendo com que muita gente passasse a conhecer ou ao menos se entusiasmar com este esporte.

No Brasil a primeira aparição na mídia de que tive notícia foi na revista ISTOÉ, mal vista pelos traceurs brasileiros pois passava uma imagem negativa do esporte por culpa da edição, um tempo depois tivemos uma reportagem na MTV, no Gordo Freak Show, alguns jornais e revistas locais, ESPORTV, Folha de São Paulo, programa do Otávio Mesquita (que também como em outras divulgações não agradou a maioria dos praticantes menos experientes), recentemente o *Parkour* apareceu em programas de grande audiência como Domingão do Faustão, Fantástico e Jornal Nacional. Cada dia mais surgem novos praticantes do esporte (tanto nas capitais como no interior do país) que está virando mania.

Fonte: WWW.leparkourbrasil.blogspot.com.br